EDIÇÃO 409-A · OUTUBRO / 2023

Android e iPad
EXEMPLAR DIGITAL

R$ 18,00

DOSSIÊ
SUPER INTERESSANTE

P. 06
A ORIGEM DE TUDO SEGUNDO A MITOLOGIA.

P. 13
A GUERRA DOS TITÃS CONTRA OS DEUSES.

P. 19
O APETITE PANSEXUAL DE ZEUS.

Su

Mitologia Grega

• OS DEUSES DO OLIMPO •

A mente, as desavenças e os amores das 12 divindades que inspiraram toda a cultura ocidental.

Abril

Mitologia Grega

• OS DEUSES DO OLIMPO •

A face humana do divino

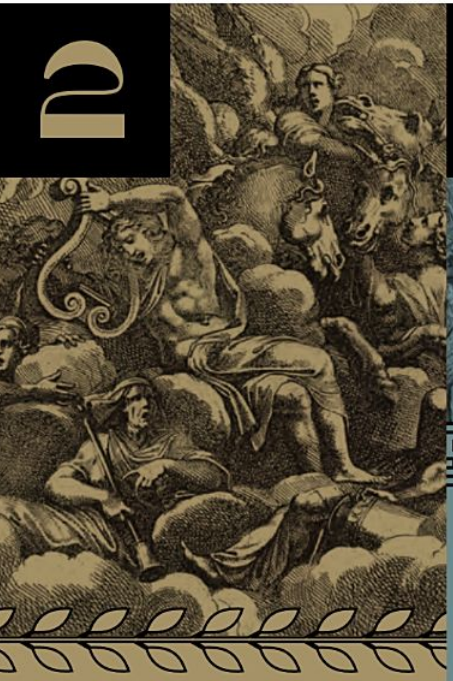
EM 1960, a Nasa começava a idealizar o que seria o projeto tecnológico mais ambicioso de todos os tempos: uma série de missões espaciais tripuladas, para um dia levar astronautas à Lua. À época, Abe Silverstein, diretor de Desenvolvimento de Voo Espacial, sugeriu o nome Apolo para o programa. Fazia sentido. Apolo é o deus grego representado com um arco e flecha, conhecido por sua habilidade para atingir o alvo – qualidade essencial para quem apontava um foguete para o satélite natural da Terra.

Claro, não é só no espaço que a mitologia da Grécia Antiga está presente no mundo contemporâneo. Temos as Olimpíadas, que começaram em 776 a.C. como um evento em homenagem a Zeus, o chefão do Monte Olimpo, e até hoje é cenário de atletas que buscam feitos análogos aos dos mitos. Nossa linguagem, então, vive banhada por essa tradição. Está na origem de termos e expressões como "esforço hercúleo" (menção ao herói Hércules, filho de Zeus), "afrodisíaco" (de Afrodite, deusa do amor) e "voto de Minerva" (do nome romano de Atena, deusa da sabedoria). Os nazistas em delírio se diziam de uma suposta "raça ariana", que tem origem em Ares, deus da guerra. A marca Nike vem de Nice, deusa da vitória.

Se esses seres divinos continuam referências no século 21, é porque suas histórias usam a metafísica para falar da natureza humana. Traição, inveja, ciúme, mas também paixão e sabedoria abundam entre os 12 deuses olímpicos, seus pais e avós titãs. Como disse em 1955 o inglês Robert Graves, estudioso da Antiguidade, o mito tem a função de "justificar um sistema social e dar conta de ritos e costumes tradicionais". Criando deuses à nossa imagem e semelhança, essa mitologia mediterrânea emergiu para responder, com a imaginação de sua época, às questões que realmente importam: de onde viemos e por que somos como somos. Por isso continua atraente aqui nestes tempos de internet, a ponto de virar este dossiê baseado em livro do jornalista Maurício Horta, publicado pela SUPER. Tudo isso meio século depois que uma missão chamada Apolo 11 conquistou Selene, a divindade que, ao ser rebatizada pelos romanos, ganhou o nome de Luna.

EDITOR
Alexandre Carvalho

NO PRINCÍPIO ERA O CAOS
PÁG. 06



2

HERDEIROS DOS TITÃS

PÁG. 16

- Zeus PÁG. 18
- Hera PÁG. 24
- Poseidon PÁG. 28
- Deméter PÁG. 30

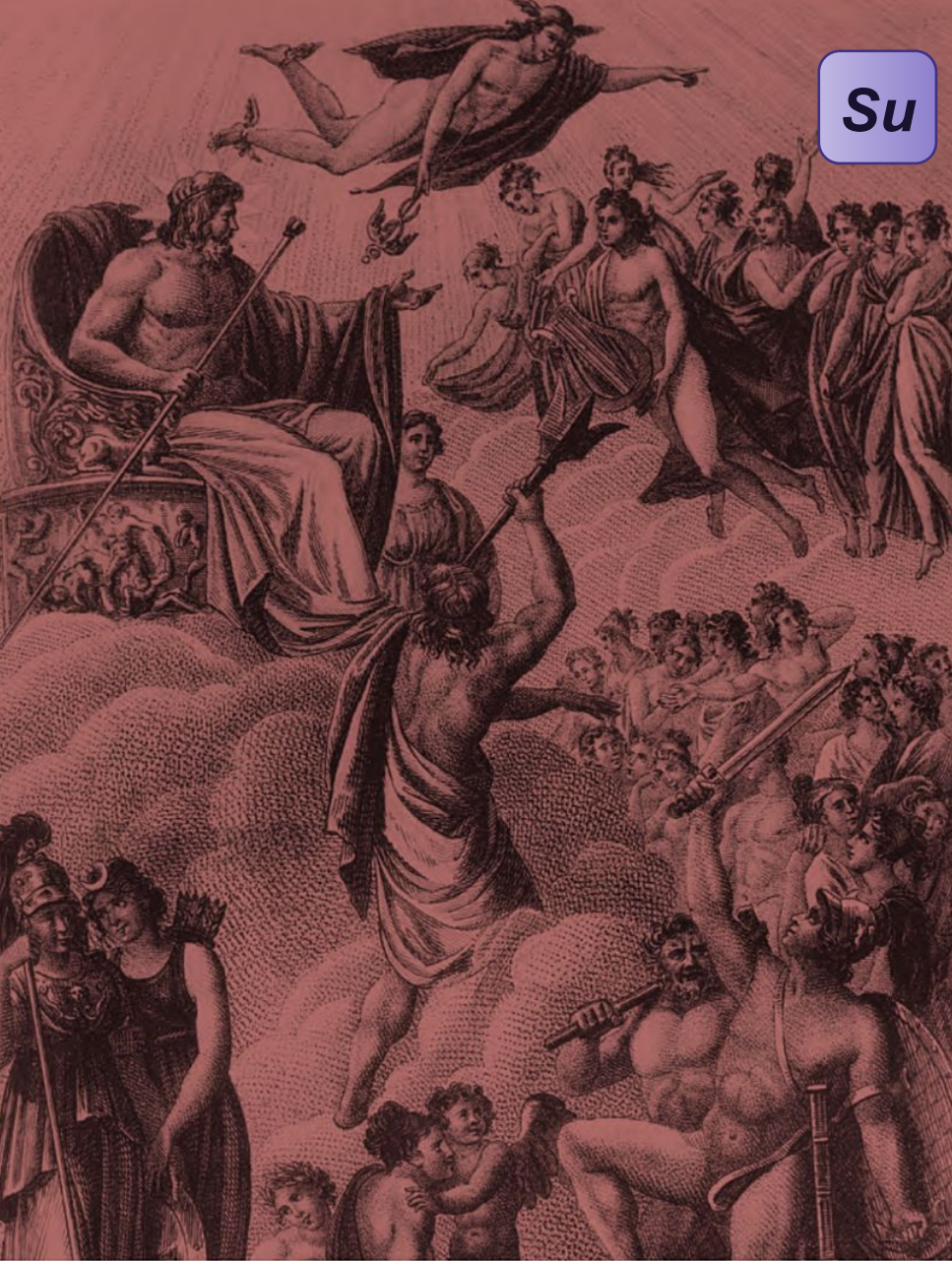
3

Su

OS FILHOS DE ZEUS

PÁG. 34

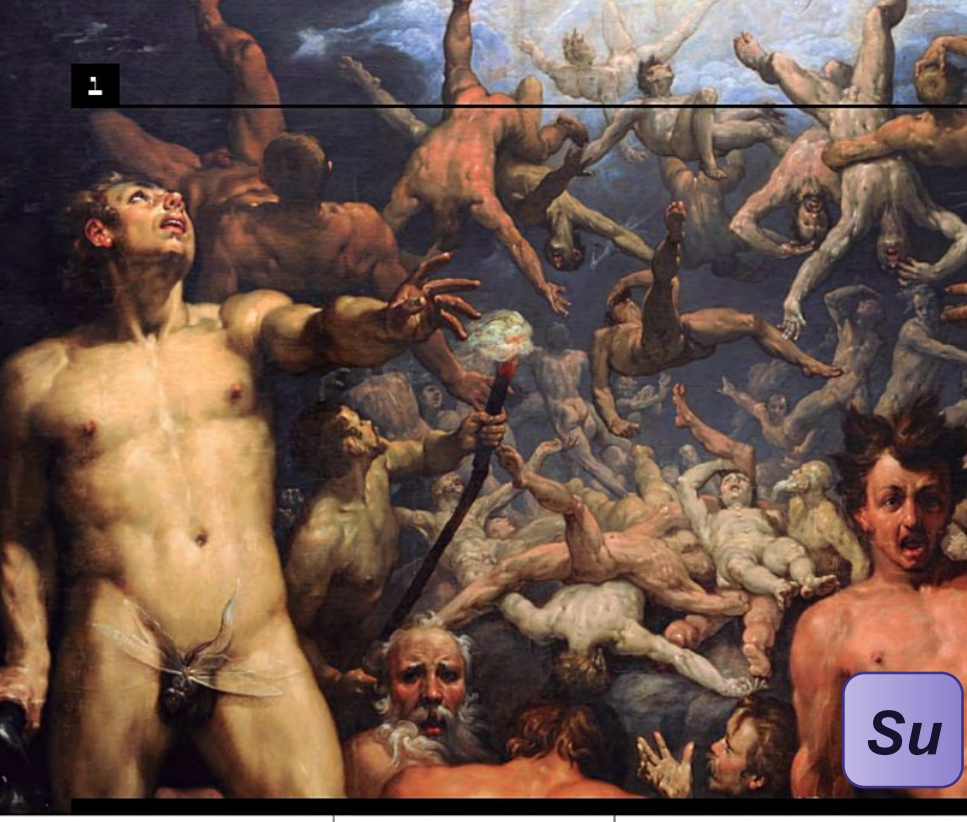
- Apolo PÁG. 36
- Ártemis PÁG. 40
- Dionísio PÁG. 42
- Hefesto PÁG. 46
- Afrodite PÁG. 50
- Ares PÁG. 54
- Hermes PÁG. 56
- Atena PÁG. 60


Su

1

NO PRINCÍPIO ERA O CAOS

E do caos surgiu a ordem, na forma de uma deusa que seria a mãe de todas as coisas: a Terra. Conheça a origem do mundo e o nascimento dos primeiros deuses — e de seus ancestrais — segundo a mitologia.



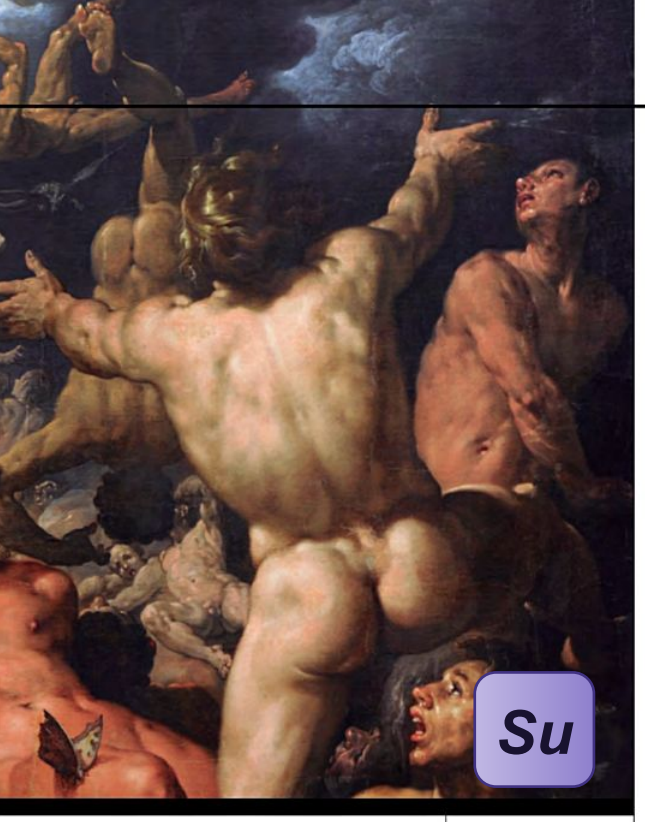
P

PRIMEIRO HAVIA O CAOS, uma matéria completamente crua, indefinível, indescritível, que existia desde toda a eternidade e que era o princípio de todas as coisas. É impossível saber o que havia antes – como acontece no Universo do mundo real, em que os físicos não se arriscam a dizer o que antecedeu o Big Bang.

Então, em meio ao próprio Caos, eis que num determinado momento surge o seu oposto: a fértil deusa Terra "dos seios fartos", que os gregos chamam de Gaia. Em vez da desordem sombria do Caos, Gaia apresenta uma forma distinta, nítida, precisa, firme e estável. É a Mãe Natureza, o conjunto de todas as partículas do mundo físico que darão origem aos seres.

Embora já discutissem o heliocentrismo, os gregos acreditavam que a Terra fosse o centro do Universo. É o chão em que pisamos, ponto de referência a partir do qual surgem as relações de espaço.

Mesmo sendo o fundamento de tudo, Gaia tinha limites físicos, tanto acima quanto abaixo dela. Se atravessássemos em suas entranhas a distância percorrida por uma bigorna de bronze em queda livre por nove dias, chegaríamos novamente à desordem e à escuridão. Esse lugar, no entanto, não era mais o Caos, mas uma derivação sua: o Tártaro, abismo das trevas insondáveis, terror de qualquer deus. Para os gregos, essa versão do inferno seria pior que a morte. Em vez de morrer, eles passariam a eternidade presos, sem ver um raio sequer de luz.



↑ Titanomaquia é como se chamou a terrível guerra entre os titãs, seres primordiais, e seus descendentes, os deuses olímpicos.

Voltando a Gaia, nasce com ela uma insaciável força capaz de unir elementos para criar novos seres. Seu nome é Eros, o "amor". E, com sua flecha, a história do Universo começa para valer.

Eros não era o amor entre humanos. Afinal, o mundo estava tão no princípio que nem sequer existiam os seres sexuados. Caos, em grego, é um substantivo neutro – nem masculino, nem feminino. E, ainda que Gaia fosse indiscutivelmente feminina, ainda não havia quem ela pudesse amar, senão o indiferenciado nada do Caos.

A vontade de gerar vida impulsionada por Eros faz com que Gaia crie à sua imagem o céu – ou Urano, em grego. E assim o Universo se divide em três camadas: a superior, que dará morada aos deuses imortais; a intermediária, dos homens; e a inferior, da morte e dos deuses subterrâneos. Tudo isso parido de Gaia sozinha, sem a necessidade de fecundação.

Mas Urano, que é tão grande e tão forte quanto ela, tem algo de especial. É o oposto de Gaia, só que numa relação diferente daquela "ordem versus desordem" que há entre Gaia e Caos. O nascimento de Urano cria o princípio do masculino, que complementa a feminilidade da fértil Gaia. Assim que Gaia gera Urano, o céu se deita sobre a Terra, e os dois ficam bem colados, como se um fosse o reflexo do outro num espelho-d'água.

É claro que Eros não demoraria a agir sobre o primeiro casal do mundo. A princípio, a virgem e solitária Gaia fica feliz por poder contemplar o céu estrelado sobre seu leito. Mas, ao se dar a ligação entre o macho e a fêmea, algo novo acontece. O ventre de Gaia começa a estufar, estufar de vidas que acabam de ser criadas.

Primeiro são gerados os seis terríveis titãs – Oceano, Céos, Crios, Hipérion, Jápeto e Cronos – e as seis titânides – Teia, Reia, Têmis, Mnemosine, Febe e Tétis –, que são impedidos de deixar o ventre da mãe para povoá-la. Urano não quer por nada deste mundo sair de cima da esposa. Sua essência manda que não faça outra coisa senão fecundá-la.

E a mãe Terra não para de gerar novas vidas, cada vez mais gigantes e monstruosas. Nascem os três ciclopes – criaturas fortes e engenhosas, com um único potente olho na testa, que trazem consigo a luz do relâmpago, as nuvens de tempestade e o rugir do trovão – e três hecatônquiros – gigantes com cem braços e 50 cabeças cada um, capazes de estremecer o mundo lançando rochas com a maior facilidade.

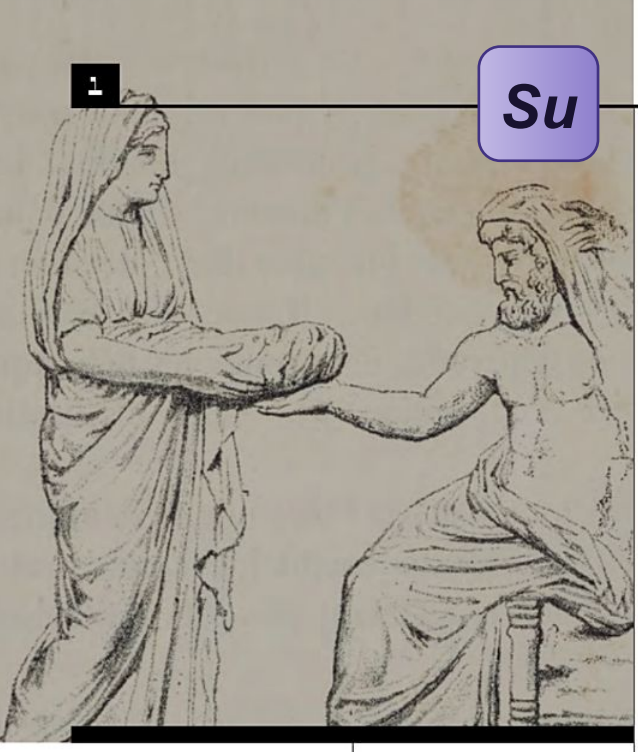
Sim, eram duros os primeiros tempos do Universo, quando não havia o que limitasse o egoísmo e a crueldade de Urano. Tudo o que podia sentir por seus filhos era ódio, pois sabia que, tão logo viessem à luz, tentariam destroná-lo.

Mais triste ainda está Gaia, inchada e sufocada pelos 18 enormes filhos que guarda na escuridão de sua barriga. Ela então decide tomar uma iniciativa. Numa explosão de raiva, arranca um pedaço de seu corpo e com ele produz o ferro, para moldar uma grande foice dentada. Chega até seus filhos e lhes propõe um plano: "Filhos, se acreditais em mim, revoltai-vos contra vosso pai, pois ele vos ultraja

IMAGEM: Getty Images

1

Su



← Reia dá uma pedra, em vez de Zeus, para Cronos comer. E assim poupa a vida do maior dos deuses.

e vos submete a agressões horríveis".

Sem jamais ter saído da escuridão, nenhum dos irmãos ousa rebelar-se contra um pai tão poderoso e vil. Isto é, exceto Cronos, deus do tempo, o mais novo e mais ambicioso dos titãs.

"Mãe, prometo que cumprirei essa tarefa. Não temo meu abominável pai, que já tramou contra nós tantas obras indignas." Gaia fica contente com a resposta. Logo em seguida, põe Cronos em tocaia, dá em suas mãos a foice de ferro e lhe conta o estratagema para separar-se do céu. Se não é possível matar um deus, que ao menos ele nunca mais possa deitar-se sobre ela.

À noite, Urano se prepara para mais uma vez fertilizar o ventre de Gaia, sem perceber que seu filho Cronos espera por ele escondido. O titã salta então de seu esconderijo, agarra com a mão esquerda a genitália paterna e, com a direita, decepa tudo e joga no mar.

Urano dá um longo grito de dor e, num único movimento, afasta-se de Gaia até instalar-se na abóbada celeste, em cima do mundo, para nunca mais voltar ao solo. E lá do alto dispara uma terrível maldição contra Cronos: "Irás pagar pelo crime de ter levantado a mão contra vosso pai!".

HERDEIROS DO TERROR

Algo mais acontecia paralelamente à mutilação do céu. Sem satisfazer-se com o romance e a tragédia de Gaia e Urano, Eros estende seu arco e flecha também para o velho e indiferenciado Caos. E faz brotar dele, por geração espontânea, dois gêmeos, que, de certa forma, são uma continuidade da escuridão caótica. Um é o deus Érebo, a falta de vida, o vácuo total, que se volta imediatamente para o mundo subterrâneo. Já sua irmã, a deusa Nix, é a noite, a escuridão que paira sobre Gaia, a rainha dos astros noturnos, patrona das feiticeiras.

O masculino de Érebo e o feminino de Nix se aproximam imediatamente. E, no meio de tanta escuridão, Nix faz surgir a luz. De um lado, nasce Hemera, a deusa do dia, o oposto de Nix. Mãe e filha começam então a alternar-se sem parar sobre o manto de Gaia, noite e dia, sem jamais se encontrar. De outro lado, aparece Éter, o brilho em seu estado mais puro, ar que os deuses respiram, o oposto de Érebo. Assim, os deuses celestes passam a viver a luz eterna, enquanto, abaixo da Terra, os deuses subterrâneos e os derrotados vivem as trevas eternas.

Finalmente o Céu e a Terra estão separados por um enorme espaço livre. Entre o leito de Gaia e a abóbada de Urano, as criaturas podem viver, reproduzir-se, transformar-se. Com a liberação de Cronos do ventre da Terra, como vimos, é desbloqueado também o tempo. Nix e Hemera passam a se alternar, dia e noite. E, com a ação de Eros, o amor, gerações e gerações de criaturas vão se suceder. O mundo começa a ter cara de mundo.

Mas esse espaço é ocupado também pela rivalidade entre os titãs, os ciclopes, os hecatônquiros e os filhos dos titãs. Éris, a deusa da disputa, e seus herdeiros infames, além dos filhos surgidos do sangue de Urano, encontram um campo para agir livremente. Como poderá haver estabilidade num mundo em que vários deuses coexistem e não param de se reproduzir, lutando entre si para estabelecer seu poder? Quem será o soberano desse Universo?

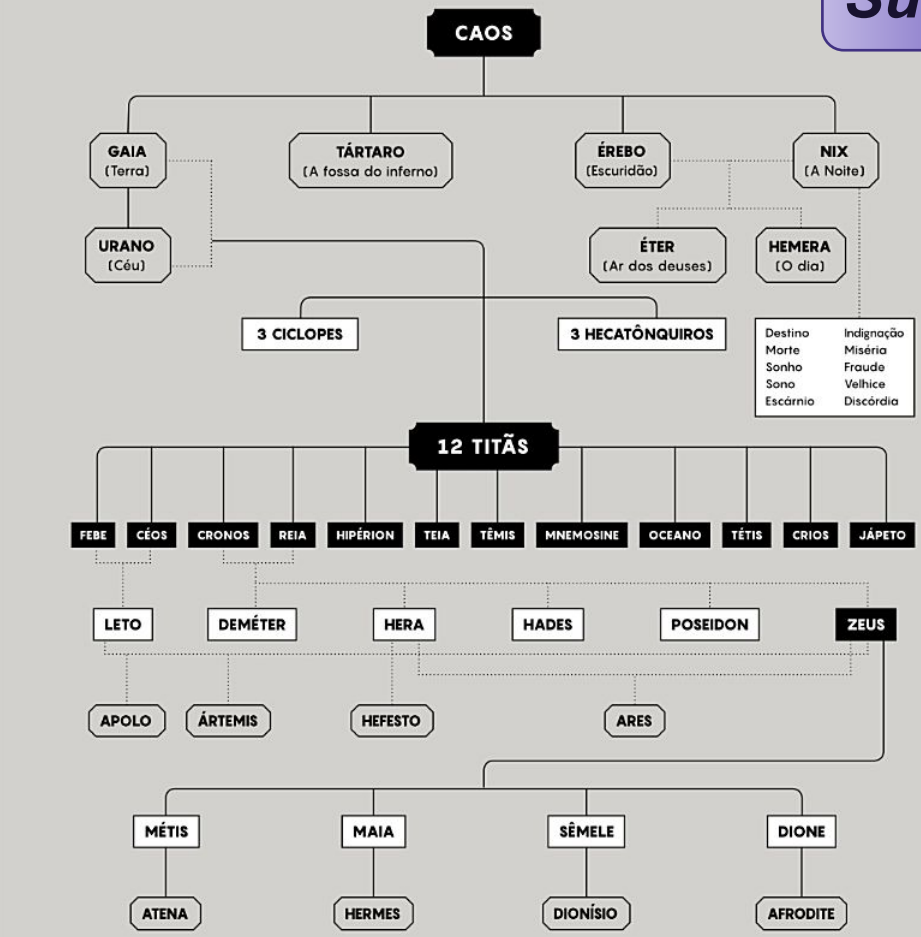
CONFLITO DE GERAÇÕES

No alto do céu, iluminados eternamente pelo Éter, estão os seis titãs e as seis titânides, filhos e filhas de Urano, liderados pelo corajoso Cronos. Parece um destino mais natural que o chefe de todos seja o irmão mais velho, Oceano. Mas, justiça

IMAGEM: Getty Images

GENEALOGIA DOS DEUSES

Para os antigos gregos, suas divindades faziam parte de um clã que remonta ao princípio de tudo.



↑ **A luta entre deuses e titãs dura milhares de eras.**

seja feita, eram do caçula a coragem e o mérito de libertar os irmãos ao castrar o pai opressor. Assim Oceano cede seu posto a Cronos, que se compromete a proteger os irmãos titãs. Surge então o primeiro político do mundo – e o mais tirânico de todos.

Cronos não pode deixar de sentir as pernas tremendo diante da maldição do pai castrado. Sabe que um dia pagará por seu crime. Por isso, fortalece os laços com seus aliados e se livra de vez de possíveis rivais que possam tramar algum golpe baixo. Enquanto mantém os irmãos titãs sob sua proteção, Cronos acorrenta os três ciclopes e os três hecatônquiros na escuridão do Tártaro, onde amargariam de ressentimento pelo deus do tempo. Para garantir que eles não fugiriam, leva até lá a monstruosa Campe, um dragão fêmea com cabelo de serpentes, patas com mil víboras e cintura circundada pelas cabeças de 50 das mais terríveis bestas selvagens.

Para escapar da maldição de que será derrotado pelos próprios herdeiros, Cronos decide devorar todos os filhos.

Mas como será a vida sob a proteção desse tirano? Não das melhores. Cronos primeiro submete a titânide Reia à sua masculinidade. Os irmãos se casam, e nascem as filhas Héstia, Deméter e Hera, e os filhos Hades, Poseidon e Zeus. É uma nova geração de deuses.

Mas a maldição que Urano mandou para Cronos continua a atormentá-lo. Com medo de perder seu poder, o deus do tempo cíclico passa então a engolir cada filho tão logo nasce, mal saído de entre os joelhos da esposa Reia.

Grávida de seu sexto herdeiro, Zeus, e desolada por saber que ele não poderia escapar da fome de poder do marido, Reia busca conselhos de sua mãe, Gaia, que bem sabe o que é ter os filhos tiranizados pelo pai. A Terra prepara então uma cilada para Cronos.

À noite, Reia parte para a Ilha de Creta, onde encontra as ninfas Adrasteia e Io, divindades do mel, e entrega a seus cuidados o filho Zeus, que fica escondido numa gruta secreta de um monte. A essa altura, o estômago de Cronos já espera avidamente receber mais um

filho. Como enganá-lo? O conselho de Gaia é enrolar uma boa pedra em fartas fraldas e entregá-la aos braços do marido. É o que Reia faz.

Cronos agarra a pedra rapidamente e a enfia goela abaixo, com pano e tudo, sem tempo para que o suposto bebê possa sequer ver a luz do céu. Enquanto isso, Zeus cresce seguro em Creta. Ao lado de seu berço dourado – que balança preso à copa de uma árvore para que Cronos não o encontre na terra, no céu nem no mar –, ficam de guarda os Curetes. São gigantes armados e de cabeça raspada que protegem as montanhas selvagens. Mas para Zeus são os foliões de barulhentas danças guerreiras que o protegem da ira paterna: toda vez que a criança ameaça chorar, os Curetes entoam um ritmo com uivados e batidas de lanças metálicas nos escudos para que Cronos jamais possa ouvir a voz de Zeus.

Adrasteia e Io cuidam de criá-lo como o deus que é. Alimentam-no apenas com mel da montanha e leite mamado direto nas tetas da ninfa-cabra Amalteia. Assim, ele cresce com braços e pernas incrivelmente fortes, e com uma energia que mais tarde o fará soberano sobre os raios e trovões. Só que essa vida bucólica entre ninfas e pastores não apaziguaria uma ideia fixa. Zeus sente que é seu dever garantir que Cronos pague pelo crime contra seus irmãos e contra o avô Urano. Conforme cresce, percebe que a hora de se vingar do pai está chegando.

O sinal surge quando Amalteia morre. Triste, o jovem se aproxima do corpo da ninfa-cabra, tira seu couro, arranca um de seus chifres e faz uma prece que a transforma em imortal. Ao fim do velório, Zeus eleva Amalteia aos céus e a transforma na constelação de Capricórnio, em retribuição ao leite que o nutriu por anos. Chega, então, a hora de a vingança se concretizar. Carregando o couro de Amalteia, o escudo que mais tarde servirá de disfarce e blindagem, Zeus atravessa o mar em direção à morada de sua prima Métis, filha do Oceano e da titânide Tétis. Ela é a deusa do bom conselho, e a mensagem que reserva a Zeus é procurar pela mãe, Reia, apesar do risco de ser descoberto por Cronos.

Quando recebe seu filho de volta, Reia é tomada por um sentimento contraditório de alívio e preocupação, mas uma visita secreta de Métis a convence de que o filho está fazendo o certo. Dela recebe um pequeno recipiente de poção mágica e um conselho: "Faça de Zeus o copeiro de Cronos, e garanta que seu marido beba deste fármaco".

E assim Zeus vai ao encontro do pai. Cronos não faz ideia do que se passa, e, sem pestanejar, aceita do copeiro uma taça de néctar, a bebida dos deuses. Tudo desce num gole só. Mas ele não se dá conta de que no líquido está diluída a poção de um vomitório horrendo.

Então a barriga de Cronos começa a se revirar e a empurrar todo o seu conteúdo goela acima. A garganta fica entalada, mas basta um engasgo para que a pedra seja lançada a distância. Em seguida, saem em meio a seu vômito os outros cinco filhos, um a um, intactos, em ordem invertida à do nascimento, como se o tempo voltasse para reparar a injustiça contra Reia. E assim todos os irmãos se reúnem, elegendo Zeus seu líder.

A GUERRA DOS TITÃS

No mundo dos deuses, os titãs foram se casando entre si e fizeram um filho atrás do outro. Oceano e Tétis deram à luz três ninfas e um

↓ **Ao libertar seus tios monstruosos presos no Tártaro, Zeus ganha deles a que será sua grande arma: o relâmpago, um feixe de luz e fogo.**

IMAGENS: Getty Images

1

INFERNO TITÂNICO

Derrotados pelos deuses olímpicos, os titãs foram condenados à escuridão eterna. Mas a punição de Atlas foi pior.

SER UM DEUS tem grandes vantagens. Arrasados na titanomaquia — a guerra contra as divindades olímpicas —, os titãs, por também serem deuses, não morreram. Mas esses seres ancestrais tiveram de colocar o rabo entre as pernas e se deixar levar passivamente até as profundezas do Tártaro. Um lugar nada agradável.

Na fenda pela qual se chega a esse terrível mundo inferior, são enfiadas todas as raízes da terra. Tudo para que os titãs fiquem privados de qualquer frestinha de luz. Breu total. Para sempre. E aquele que, assim mesmo, tente escalar esse abismo será tragado novamente por tufões, um seguido do outro.

Se a escuridão nesse inferno já é uma punição terrível, algo pior ficou reservado para Atlas. O líder do time titânico tem um castigo exemplar. Uma vez que a guerra mostrou que a ameaça de o Universo voltar ao caos é real, para garantir que isso nunca mais aconteça, Zeus condena Atlas a carregar o céu em seus ombros por toda a eternidade — para que nunca mais Urano recaia sobre Gaia no abraço primordial que deu origem aos titãs. (Daí aquela imagem clássica do gigante carregando o globo sobre os ombros.)

É pelo fato de esse deus sustentar o céu que mais tarde os homens nomeariam de Atlas a imensa cordilheira de montanhas do noroeste africano.

número igual de rios. Hipérion, soberano do dia e da noite, casou-se com Teia, deusa do éter, e juntos tiveram o Sol, a Lua e a Aurora. Jápeto, deus da mortalidade, juntou-se a Têmis, deusa das leis divinas, e tiveram Atlas, Meneceio, Epimeteu e Prometeu. Céos, deus da mente inquisitiva, casou-se com Febe, deusa da mente profética, e tiveram Leto e Astéria. Crios teve com a divindade menor Euríbia os filhos Astreu, Palas e Perses. Mnemosine, deusa da memorização (que era extremamente importante em tempos sem escrita), ficou sozinha. E, acima de todos, estava Cronos e Reia, com seus filhos recém-vomitados, prontos para lutar pelo domínio do Universo.

Titãs não se importam que seu reino seja desordenado e injusto, mas sim em se manter soberanos. São deuses primordiais, aqueles que formam a matéria da qual o Universo é feito, e assim usam toda a brutalidade das forças naturais – nunca a razão e a justiça. Isso alimenta o ressentimento de Zeus e dos outros filhos de Cronos. Querem estabelecer uma nova ordem, banindo os titãs e impondo a supremacia da razão e da justiça sobre as forças da natureza.

Pobre Tessália, região fértil no centro da Grécia, que abriga os dois montes em cujo pico as duas gerações adversárias se amparam para iniciar uma guerra colossal e prolongada entre imortais igualmente fortes e determinados. Zeus e seus irmãos Poseidon e Hades se refugiam a 2.917 metros de altitude, no Monte Olimpo, e são então chamados de deuses olímpicos. Já os titãs escolhem o Monte Ótris, a 1.728 metros, e nomeiam Atlas, o filho mais velho de Jápeto, como seu líder.

Começa a guerra e dez "grandes anos" se passam sem que a luta pare por um momento sequer. Pouco? Não. Cada "grande ano" vale até mil anos. São milhares de eras em que as duas gerações se batem sem parar, em total equilíbrio de forças. Parece que a guerra jamais terá fim.

Mas, para os gregos, o Destino nunca falha. Lembremos que, para manter seu poder, Cronos não apenas comeu os filhos. Ele também prendeu nas profundezas do Tártaro os monstruosos hecatônquiros e ciclopes. Condenados à escuridão, estes não deixam por um momento sequer de nutrir seu ódio pelo terrível irmão.

A estratégia para acabar com aquele empate sem fim na guerra até que é simples. Gaia propõe a Zeus que desça até o Tártaro e liberte esses monstros. Os ciclopes e os hecatônquiros têm algo que os olímpicos não possuem: a brutalidade das forças naturais e a desordem apaixonada. Embora não sejam deuses, esses monstros são da mesma geração dos titãs.

Zeus cai então dos céus por nove dias, e por mais nove dias mergulha em queda livre nas trevas até chegar ao Tártaro. Uma vez lá, mata o horrendo

Na guerra contra os titãs, a fúria de Zeus acaba sobrando para a Terra, castigada por raios que erram o alvo. O mundo pega fogo e volta à desordem do Caos.

IMAGENS: Getty Images

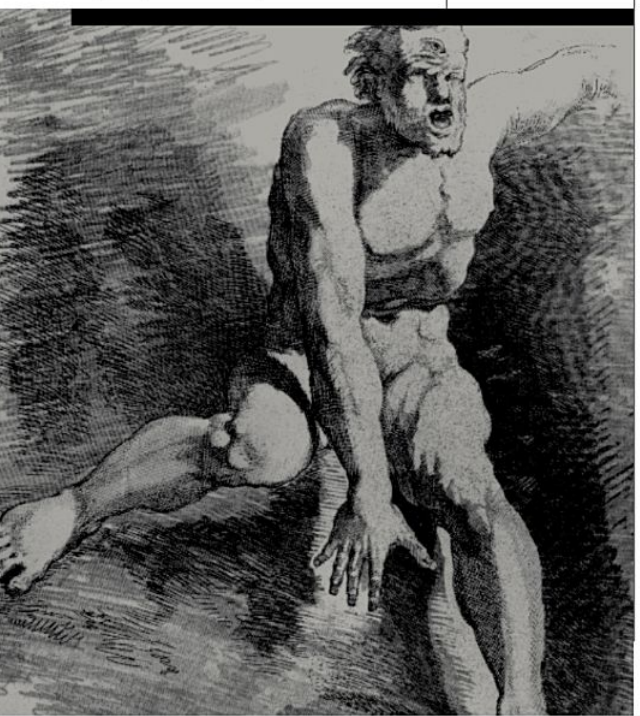
dragão fêmea que guarda os portões infernais e arranca de sua cintura as chaves das celas. Pronto. Estão livres seus parentes monstruosos. Tios que, de tão gratos, dão aos sobrinhos olímpicos as armas mágicas que garantem sua vitória: a Zeus, o infalível relâmpago, um feixe condensado de luz e fogo com poderes ilimitados lançado diretamente de seu olho. A Hades, dão o capacete da invisibilidade. E, a Poseidon, entregam um tridente capaz de destruir rochas e fazer a terra tremer.

Para compensar a mortalidade de seus tios, Zeus alimenta os monstros com a mesma comida dos deuses: néctar e ambrosia. Ao provarem dos acepipes sagrados, os hecatônquiros e os ciclopes sentem emergir um forte espírito em seu peito. Então, Zeus lhes diz: "Ouvi-me, esplêndidos filhos de Gaia e Urano. Os titãs e os filhos de Cronos já têm lutado por muito tempo uns contra os outros. Agora, mostrai seu poder e sua força invencíveis opondo-se aos titãs".

O hecatônquiro Cotus responde: "Ó divino Zeus, já sabemos muito bem o que dizes. Foi por causa de seu plano que saímos da lúgubre terra da escuridão.

Su

↓ Figuras gigantescas e brutais, os ciclopes tinham um único olho no meio da testa.



Agora, pois, com uma resolução firme e planejamento prudente, lutaremos para defender seu poder".

Os olímpicos, finalmente, têm tudo a seu lado: a astúcia dos deuses e a força bruta dos monstros.

Hades veste seu capacete da invisibilidade e, sem ser percebido, invade os domínios de Cronos no Monte Ôtris para roubar as armas titânicas. Em seguida, os três hecatônquiros catam rochas com suas centenas de braços musculosos e começam a lançá-las contra os imensos titãs. Mas esses violentos deuses não se intimidam tão facilmente. Mesmo sem armas, eles respondem à altura, e o céu é assim recortado por saraivadas de rochas vindas dos dois lados.

Isso faz com que um furor tome as vísceras de Zeus, que começa a chicotear os titãs com os raios, trovões e relâmpagos, mas esse fogo que cruza o céu para cegar seus inimigos também acaba por atingir a terra.

As florestas se incendeiam, o mar entra em ebulição, montanhas desabam, ventos erguem a poeira e, do chão, profundas rachaduras se abrem, por onde começa a emergir a neblina do Tártaro, onde a noite é eterna. As fundações que mantinham a ordem no Universo começam a ruir, e eis que Urano, o céu, lentamente volta a se deitar no leito de Gaia, a Terra. O mundo volta ao Caos, ao estado primordial de desordem, quando nada ainda possuía formas.

Mas a superioridade dos irmãos olímpicos se impõe aos titãs desarmados. Quando esses já estão enfraquecidos, os três hecatônquiros erguem por fim 300 rochas imensas e soterram os tiranos.

Terminada a guerra, os três irmãos vencedores dividem o Universo entre si, inspirados por conselhos de Gaia. Hades fica com o Tártaro, Poseidon, com o mar, e Zeus, com o céu. Assim, pela vontade de todos, Zeus torna-se o rei dos deuses. Ele institui um mundo hierarquizado, em que cada divindade recebe as devidas honras e privilégios.

Pela primeira vez, naquele princípio dos tempos, o Universo é guiado por um sentido de justiça, e não apenas por constrangimento e violência.

Su

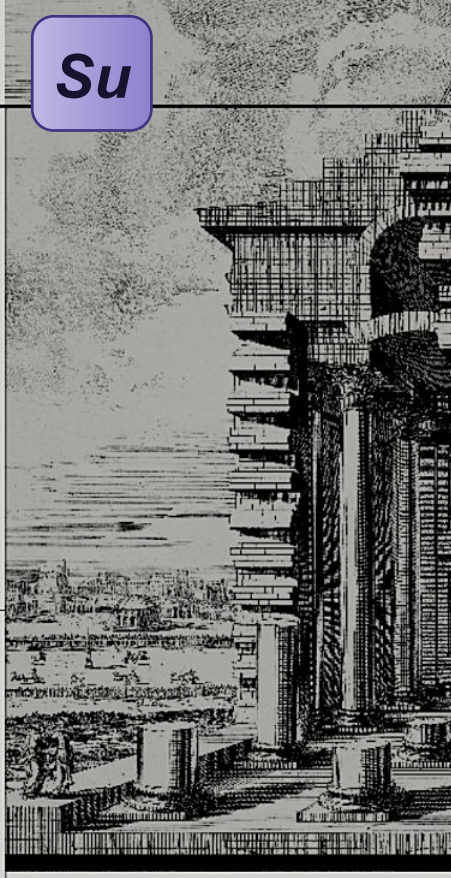
Su

2

HERDEIROS DOS TITÃS

Com diferentes dons, Zeus, Hera, Poseidon e Deméter são netos do céu (Urano) e da Terra (Gaia), além de filhos do tempo (Cronos). Essa terceira geração inaugura a fase dos deuses olímpicos e tem a função de explicar por que o mundo é como é: cheio de disputas de poder, inveja, ciúme... e muito tesão.

Su



ZEUS

Soberano do Olimpo, ele é o chefão entre os deuses gregos. Mais do que detentor do raio e comandante dos corpos celestes, Zeus se destaca por outro superpoder: um insaciável apetite sexual.

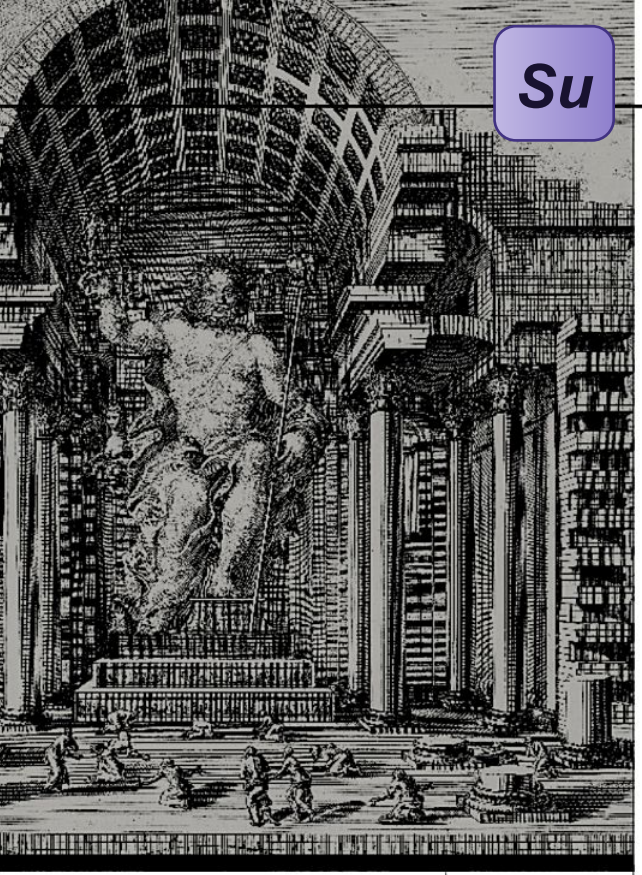
NOME ROMANO
Júpiter

DIVINDADE
O rei dos deuses

COM SEUS IRMÃOS, FILHOS e um enteado, Zeus é a figura paterna na grande família que são os 12 deuses olímpicos. Dotados de poderes imbatíveis e uma imortalidade garantida pelas taças de néctar e bocadas de ambrosia com que se alimentam no alto do Monte Olimpo, eles observam os mortais, interferem em suas brigas, punem os que julgam culpados e protegem os inocentes – e seus preferidos. Do outro lado, humanos se inspiram nos deuses e agem para obter deles uma série de favores.

Mas esses deuses não são perfeitos como o Deus dos monoteísmos. Eles são apenas uma das três raças que povoam o Universo – os imortais, os homens e os animais. Da mesma forma como levamos nossa vida cheia de erros e dominamos os animais com doses ora de carinho, ora de crueldade, os deuses agem movidos por sentimentos nada estranhos aos mortais: amor, ódio, orgulho, ciúme, vaidade, compaixão. O resultado não poderia ser diferente: intrigas, disputas e traições.

No centro desses seres superpoderosos está Zeus, soberano nos céus, mestre dos fenômenos naturais, que comanda os corpos celestes e faz tremer o Universo com um gesto de sua cabeça. Seu nome deu origem à palavra *deus*, e Júpiter, sua versão latina, é a junção de *jus* (justiça) e *pater* (pai). Isto é, "pai da justiça". Gregos e latinos o representam com estátuas de um homem majestoso, de barba e cabeleira cheias, sentado em um trono. Com a mão direita segura a brasa flamejante do raio que ganhou dos ciclopes; com a esquerda, mostra uma estátua de Ni-



ce, deusa da vitória; e aos pés tem seu pássaro preferido, a águia, que plana no alto dos céus e cai como um raio sobre suas presas. Para mostrar sua imparcialidade, os cretenses o representam sem orelhas. Já os lacedemônios (da região de Esparta) colocam-lhe quatro orelhas, capazes de ouvir todos os pedidos dos mortais. Seus cultos eram os mais solenes de todos – desde o sacrifício de cabras, ovelhas e touros até os Jogos Olímpicos, tão importantes que guerras eram interrompidas para que os atletas de todo o mundo grego participassem dessa confraternização.

O título de rei dos deuses não é fortuito. Zeus é a mais política de todas as divindades. Ele exige dos homens o respeito às leis divinas: a devoção à família, à vida pública, à confederação de cidades-Estado gregas, a ajuda aos suplicantes e aos estrangeiros, os juramentos. Em resumo, tudo o que garante o funcionamento de um Estado bem gerido: suas leis, sua polícia, sua hierarquia e suas Forças Armadas. Zeus é a fonte de todas as leis e de todo o poder que um homem tem sobre outros. Dele emana a legitimidade com a qual os indivíduos criam e executam as leis (da mesma forma como, muito mais tarde, reis cristãos receberão de Deus a sua própria legitimidade).

↑ **Com 13 metros de altura, representando o maior dos deuses olímpicos, a estátua de Zeus em Olímpia foi uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo.**

Mas garantir que os homens sigam a lei não significa que Zeus seja justo a todo momento. Justiça é algo que ocorre entre iguais, e Zeus está acima de todos. Ora ele age bem, ora age aparentemente mal, e ninguém sabe exatamente por quê. A única coisa certa é que, por piores que possam ser os seus atos para alguns, no fim das contas virão para um bem maior.

ENGRAVIDOU A PRIMA E CASOU COM A IRMÃ

O poder do maior dos deuses não vem apenas da batalha que travou contra os titãs nem da ameaça de seus raios. Vem também de sua potência sexual infinita. Propagando seu sangue, Zeus se tornará pai de deuses e de uma lista de incontáveis heróis – que na Terra o ajudarão a definir os rumos dos mortais.

Esse desejo raras vezes foi tão intenso quanto o que ele sentiu por sua prima Métis – aquela que preparou a poção vomitória que liberou os deuses olímpicos da barriga de Cronos. Desde que, ainda adolescente, partiu de Creta em busca de seus pais, Zeus admira a deusa da astúcia e dos conselhos sábios.

Mas sua avó Gaia o avisou: o desejo de possuir Métis e ter com ela filhos traçaria para ele o mesmo destino reservado a Urano e Cronos, derrubados pelas próprias crias. Seu pai, o deus do tempo cíclico, pode estar confinado no Tártaro, mas não deixou de existir. Ele continuará condenando todo usurpador do poder ao ciclo natural de nascimento, amadurecimento, morte e sucessão.

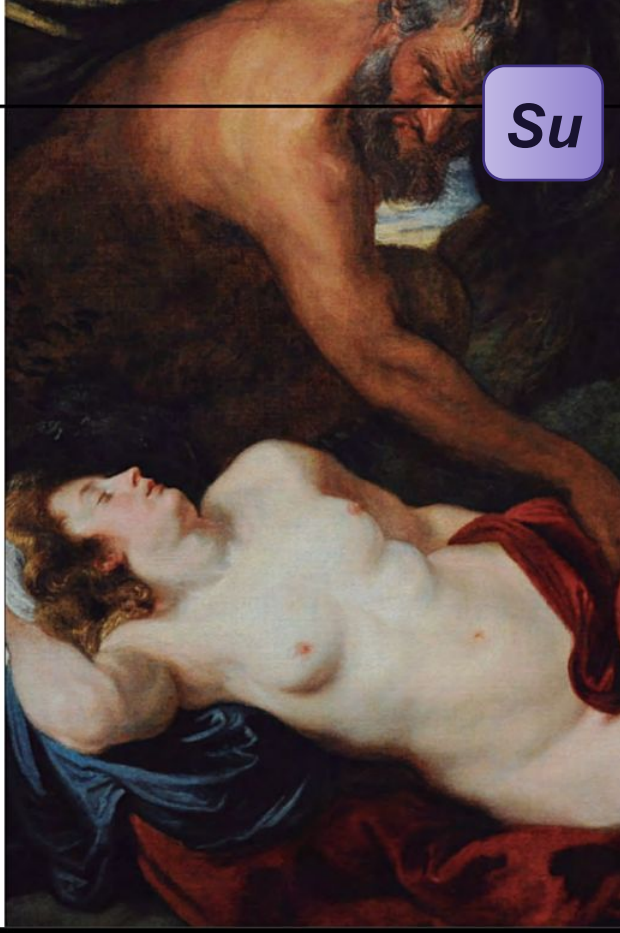
Por outro lado, sem unir-se à sabedoria de Métis, Zeus não poderá governar eternamente o Universo, que estará ameaçado de um estado de injustiça tão intolerável quanto o que levou à guerra dos titãs. Por isso, Gaia

IMAGEM: Getty Images

cria para o neto uma estratégia infalível, que evitará mais uma sangrenta luta sucessória entre gerações. Zeus precisa tomar de Métis para si a capacidade de prever os acontecimentos, para que conquiste a soberania em seu estado absoluto e se torne senhor eterno dos céus. "Métis lhe dará filhos que a ultrapassarão em sabedoria. A primeira será uma menina de olhos cinzentos e espírito bravo. Em seguida, dará à luz seu varão, para quem ela inventará um instrumento mais poderoso que teu relâmpago – com ele vai eclipsar-te da mesma forma como Cronos sucedeu a Urano e tu sucedeste a Cronos", previne-o Gaia. "De nada adiantará aniquilá-lo. É necessário impedir que Métis siga com sua prole."

Zeus reencontra então sua prima e faz amor com ela. Ao ver a barriga grávida da deusa, ele é tomado pela felicidade de finalmente tornar-se pai. Mas, atormentado pela profecia de Gaia, passa a perseguir a amante. Sagaz como só ela podia ser, Métis se disfarça na forma de todos os animais para fugir dessa perseguição – até se transformar em uma mosca. É então que Zeus abre sua boca, devora-a e toma para si a astúcia com a qual reinará eternamente.

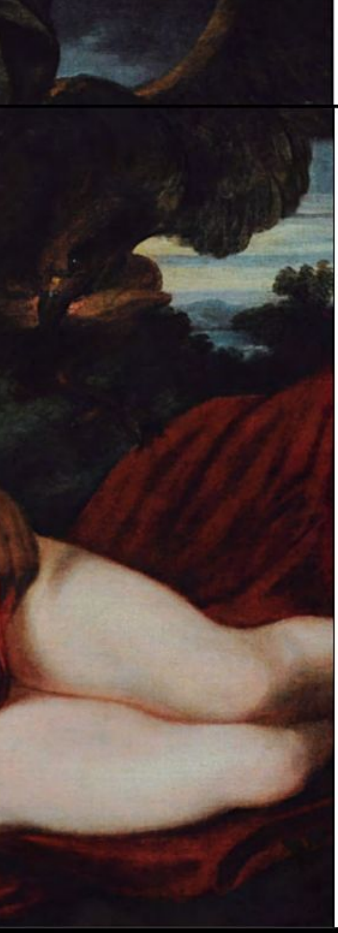
Métis foi apenas a primeira das deusas que Zeus amou. Com ela teve Atenas, deusa da sabedoria e da guerra. De sua tia Têmis – que se imortalizou no imaginário popular como a mulher de olhos vendados que segura com uma mão a balança da justiça e, com a outra, uma espada –, teve três filhas: a Equidade, a Lei e a Paz, com as quais Zeus estabelece a força da justiça sobre o mundo. Com Eurínome, teve as



IMAGENS: Getty Images, divulgação

MESTRE DOS DISFARCES

Como tinha esposa ciumenta e a devassidão não pegava bem no currículo de rei dos deuses, Zeus recorre à metamorfose para suas conquistas pansexuais.



← Zeus se transforma em sátiro (ser híbrido de homem e bode) para seduzir a princesa Antíope.

três Graças, que personificam a beleza e o encanto, e trazem alegria ao coração dos homens e dos deuses.

Amou Mnemosine por nove noites e, ao fim de nove meses, teve como filhas as nove Musas, ninfas virgens das montanhas e dos rios. Com Leto, teve Apolo. Mas sua única esposa legítima foi a ciumenta irmã Hera, com quem teve Ares, deus da guerra.

Zeus é o poder executivo e judiciário da mitologia. Exige dos humanos o respeito às leis divinas, a devoção à família, à vida pública... E interfere diretamente no destino dos mortais.

Além das deusas, a irrefreável potência sexual de Zeus leva-o a deitar-se com 115 mulheres mortais, com quem tem uma imensa prole, igualmente mortal, mas poderosa: Héracles (mais conhecido pelo nome romano: Hércules), Helena, Perseu, Minos...

Sua primeira amante mortal é Niobe, princesa de Árgolis, no sul da Grécia, com quem tem Argo, rei do Peloponeso, que introduz o cultivo de trigo, e Pelasgo, primeiro rei da Arcádia, inventor das casas. Para abduzir a princesa fenícia Europa, o rei dos deuses se metamorfoseia em um touro, que a leva até Creta, onde fazem sexo.

Com a bela Lamia, rainha da Líbia, tem vários filhos, mas Hera é tomada por tamanho ciúme que lhe rouba todos. Tão grande é o sofrimento da mulher mortal que Zeus dá a ela o poder de arrancar os próprios olhos e colocá-los de volta no globo ocular quando se sentir mais calma.

Já a rainha espartana Leda caminha às margens de um rio quando percebe que um cisne a segue. É mais um disfarce de Zeus, que se une a ela na mesma noite que o faz o marido Tíndaro. Leda então, tendo feito sexo com uma ave divina, acaba botando dois ovos, um com um filho de Zeus, e outro com um do esposo.

O desejo de Zeus é tão voraz que nem mesmo os rapazes ficam livres dele. Disfarçado de águia, Zeus encanta Ganimedes, príncipe de Troia, e o abduz para o Monte Olimpo, onde este se torna seu amante e copeiro dos deuses.

A SEDUÇÃO QUE PARIU HÉRCULES

Quando Anfitrião, de Micenas, parte para vingar a morte dos oito irmãos de sua prima, Alcmena, com quem se casa, Zeus fica sabendo que a moça resguarda sua virgindade para

quando o marido cumprir sua missão. A fofoca vem do deus Hermes, o mensageiro do Olimpo.

Ciente também da ausência do cônjuge, por conta da tarefa, o rei dos deuses, então, assume a aparência do próprio Anfitrião e desaparece do Olimpo para surgir à porta do quarto de Alcmena, bem na noite anterior à volta do marido. A princesa não conseguia dormir, ansiosa pelos riscos que Anfitrião corria no campo de batalha. Ao ver a imagem de seu amado entrar no quarto, ela corre em sua direção.

"Como pudeste voltar tão cedo?", pergunta-lhe, ainda incrédula de rever o marido antes do que a complexidade de sua missão daria a entender.

"Vinguei seu pai, e trago aqui a taça de Ptérela *[o assassino dos irmãos dela]* como prova de minha vitória."

Com a taça na mão e os relatos da batalha que Hermes antecipou a Zeus, Alcmena acredita nas palavras daquele que ela pensa ser o marido, e os dois podem finalmente juntar seus corpos, liberando o amor que a princesa por tantos anos reteve. O desejo de Zeus é tamanho que ele pede ao deus Hélio que não passe pelo céu com sua carruagem de raios solares por três dias. Hermes diz à Lua que também ande bem devagar, que o Sono faça toda a humanidade ficar tão pregada que ninguém perceba o que está por acontecer. E assim a noite de amor se estende por três dias.

Mas a manhã finalmente chega, e Alcmena acorda sozinha com o barulho dos soldados de Anfitrião, que voltam da batalha. A princesa olha à sua volta e não encontra taça alguma. Não sabe se o que aconteceu foi sonho ou realidade. Até que o verdadeiro Anfitrião entra no seu quarto, com a taça na mão, e repete as palavras com que conquistara o amor da bela mortal: "Vinguei seu pai, e trago aqui a taça de Ptérela como prova de minha vitória".

Nua e descabelada, Alcmena apenas fixa seu olhar em Anfitrião, sem saber como reagir – para total surpresa do marido. Como poderia ela ter se guardado por tanto tempo e, agora, apresentar-se indisposta? Ele a abraça como um animal e, rapidamente, alivia seu desejo no corpo relutante da esposa.

"O que aconteceu com tua virgindade?"

"Do que estás falando? Por três dias não pregamos os olhos de tanto nos amar!", responde Alcmena. "Não vês no nosso leito o sangue seco da virgindade que perdi contigo?".

Diante disso, Anfitrião é tomado pelo desespero. "Não me confundas com essa história. Acabo de chegar da batalha, sem nunca ter me deitado contigo. Quem esteve aqui?".

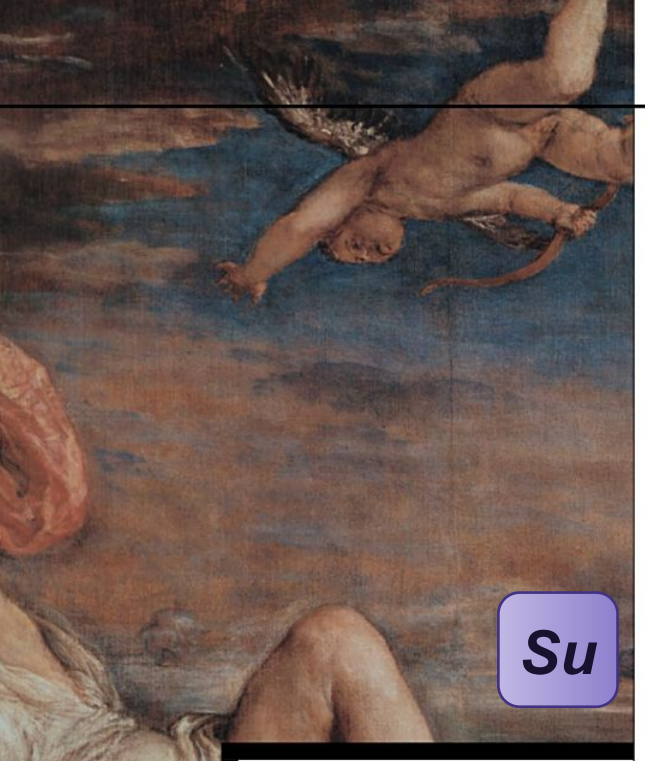
"Tu, eu juro."

"Pois descobrirei a verdade com o adivinho Tirésias."

E lá se vai Anfitrião afoito, para descobrir que do ventre de sua mulher nascerá Hércules – filho de Zeus e o mais glorioso de todos os heróis. Mas o marido não pode crer numa história tão absurda. Cheio de raiva, Anfitrião mobiliza seus soldados para prender Alcmena, amarra-a a toras de madeira e ergue uma tocha de frente para a esposa inocente, desesperada pela ira irracional do marido.

Do alto do Olimpo, Afrodite chama Zeus para ver a cena assustadora que ele causou. Decepcionado pela baixeza dos sentimentos dos humanos, Zeus faz o céu fechar-se com densas nuvens, lança trovoadas que tremem a Terra e despeja uma chuva torrencial

115 é o número de mulheres mortais que Zeus seduziu, gerando uma imensa prole de heróis, como Hércules e Perseu. Também teve relações sexuais com deusas e homens.



← Para fazer sexo com a princesa Europa, Zeus se transforma num touro.

que apaga a tocha.

Lavado pelas águas divinas, o marido é tomado por uma clareza de espírito. Olhando para Alcmena enquanto a água penetra a madeira, Anfitrião diz: "Tu falaste a verdade!". Ele larga a tocha apagada, desamarra as cordas da esposa e a abraça fortemente.

UM VARÃO ENTRE MULHERES CASTAS

Calisto, princesa da Arcádia (sul da Grécia), faz um voto de castidade e vai viver entre bestas selvagens, ao lado de Ártemis, deusa da caça, longe das investidas masculinas.

Dessa virgindade emana a beleza que acaba encantando Zeus. Vestida com um roupão preso apenas por uma fivela, Calisto incendeia o peito do deus dos deuses. Ele só precisa esperar o sol se pôr para que possa dar o bote. "Como poderá Hera não saber dos meus atos?", pensa. Zeus, então, se transforma na imagem de Ártemis e parte para o lado da virgem adormecida. "Que grande desafio foi sua caça hoje?", acorda-a com o corpo colado ao dela.

Antes de contar todas as aventuras do dia, Calisto suspira a Zeus metamorfoseado de Ártemis: "Ó gloriosa deusa, maior que o celestial Zeus...", e logo é calada por beijos que a amolecem. Mas rapidamente a virgem percebe que entre suas pernas há algo que não é do corpo de Ártemis. Tarde demais para debater-se contra Zeus. Calisto já está humilhada e grávida.

No dia seguinte, Calisto espia Ártemis caçando pelas montanhas. Quando percebe que não é novamente Zeus disfarçado, aproxima-se da deusa. Por mais que tente esconder sua desgraça, não consegue tirar o olhar do chão nem andar ao lado da amiga, que observa com curiosidade seu comportamento. Ao anoitecer, a deusa da caça convida suas amigas ninfas a banhar-se num pequeno bosque pelo qual passa um riacho. Todas se despem, menos Calisto. E assim Ártemis descobre sua gravidez. Tomada pela raiva, ela grita para Calisto: "Vai embora! Tu não profanarás nossas águas!"

Não demora para que Hera saiba de tudo. Calisto é derrubada ao chão pela esposa traída e pede de braços erguidos por clemência. Enquanto se debate em súplicas, em seus braços crescem pelos negros, em suas mãos, garras afiadas. Sua boca se deforma e ela passa a emitir urros. Vira uma ursa, cujo último traço de humanidade é a mente. Tomada pela tristeza, ela deixa de ser uma princesa caçadora e se torna uma fera ignorada pelos outros ursos e ameaçada por lobos.

Passados 15 anos, Arcas, o filho de Calisto, caça pela floresta, espalhando redes pelas árvores. É então que vê sua mãe, transfigurada numa ursa. Ao reconhecer o filho, Calisto fixa o olhar e permanece muda, mas Arcas, assustado com a visão, dá um passo para trás e, com seu arco e flecha, atira contra o peito da mãe. Para evitar que a flecha a atinja, Zeus dá um sopro tremendo que a leva até a abóbada celeste. Nasce assim a constelação de Ursa Maior.

IMAGEM: Getty Images

HERA

Estuprada por Zeus, seu irmão gêmeo, Hera acaba se casando com ele. Sua trajetória se baseia em controlar, sem sucesso, as traições do marido. E se vingar contra amantes e os frutos do adultério divino.

NOME ROMANO
Juno

DIVINDADE
Rainha dos deuses, defensora da fidelidade conjugal

NA MACHISTA MITOLOGIA grega, a mulher é um mal necessário. É a barriga que consome, como um imposto, o alimento que o homem pena a produzir, e que, por nunca estar satisfeita, manipula-o pela sedução e pela mentira para sempre obrigá-lo a trabalhar mais. No entanto, se não assumir o fardo que a mulher representa para ele, o homem grego pagará mais tarde com a ausência de um filho que o apoie na velhice. Mulher, assim, é pena e prazer, sacrifício e segurança.

Entre os humanos, o mito que melhor representa essa visão misógina é Pandora, a primeira mortal, criada sob ordens de Zeus, dotada de beleza, audácia, força, persuasão, habilidade manual, mas também falsidade. Seria o castigo que a humanidade carregaria depois de Prometeu, o primeiro homem, ter roubado o fogo dos deuses. Ela recebe dos céus uma caixinha que seduziria os mortais e os levaria à perdição. Quando seu marido, Epimeteu, abre a terrível caixa, imediatamente surgem todos os males que recaem sobre a humanidade.

E os deuses? Estariam eles livres da maldição feminina? De forma alguma. Depois de ter devorado Métis, Zeus personificou a astúcia. Isso não quer dizer que suas mulheres não tentarão manipulá-lo, mas que ele saberá contornar o que a mitologia mostra como um vício feminino. Ao seu lado, terá eternamente a ciumenta Hera, irmã e esposa que se dedicará quase que exclusivamente a persegui-lo em suas escapadelas conjugais.

Tudo começa depois de Zeus confinar seu pai, Cronos, na escuridão do Tártaro. Liberado da opressão paterna, o rei dos deuses

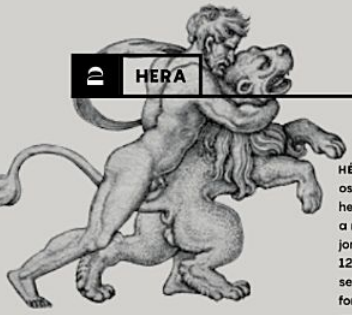
IMAGEM: Getty Images

← O casamento de Hera com seu irmão, Zeus, é um ato de reparação após o estupro incestuoso.

começa a cortejar sua irmã gêmea em Creta. Mas a indiferença da moça não supera a sagacidade de Zeus. Num instante, ele se disfarça como um filhote de pássaro cuco ferido. Tomada de pena pelo bichinho, Hera delicadamente o coloca em seu seio, como mandaria seu instinto materno. Basta ela começar a acariciá-lo para que ele tome sua forma original e a agarre à força. Desonrada, Hera se vê obrigada a se casar com o irmão para encobrir a vergonha de seu estupro.

Em uma charrete conduzida pelo deus Eros, de asas douradas, o casal chega à mais grandiosa de todas as festas organizadas pelos olímpicos, à qual todos os deuses, toda a humanidade e todos os animais foram convidados. Para o casamento, foi escolhido o lugar mais belo do Universo – o Jardim das Hespérides, no extremo Ocidente do mundo, onde moram ninfas primaveris da fertilidade, protegidas pelas grutas das Greias (três irmãs que compartilhavam um olho e um dente) e das Górgonas (monstros femininos com cabelo de serpente), além de terríveis dragões de cem cabeças. Para enfeitar o jardim, Gaia, a avó do casal, planta às margens do Rio Oceano uma cobiçada árvore de maçãs de ouro, que leva à juventude eterna. Um único ser se recusa a comparecer – a invejosa ninfa Quelone, que fica em casa. Para castigar essa birra feminina, o deus mensageiro Hermes, que convidou a todos, desce do Olimpo, inunda sua casa e transforma a ninfa em uma tartaruga, condenada a carregar sua moradia nas costas pelo resto da vida.

Terminada a bela cerimônia de casamento, o casal divino parte para a Ilha de Samos, onde os noivos terão uma noite de núpcias de 300 anos. É assim que Hera se torna rainha de todos os deuses e senhora dos céus e da Terra. Por mais amantes que Zeus tenha, somente Hera pode sentar-se ao seu lado no trono dourado do Olimpo e



OS 12 TRABALHOS DO BASTARDO

Um dos mitos mais populares da Grécia Antiga é relacionado ao ciúme de Hera — e sua vingança contra as traições de Zeus.

HÉRCULES (Héracles para os gregos) é o maior herói mortal de toda a mitologia grega. Sua jornada é marcada por 12 trabalhos que só um semideus, sinônimo de força descomunal e muita astúcia, poderia realizar. Mas por que raios o fortão se engajou nessa dúzia de missões complicadas?

Mais uma vez, foi uma combinação entre a infidelidade conjugal de Zeus — pai de Hércules com a princesa Alcmena — e a natureza "não vou deixar barato" de Hera, a esposa traída.

Entre diversas perseguições contra o herói, a pior maldade da deusa é enfeitiçar seu enteado para que ele tenha um surto psicótico e, descontrolado, mate a própria esposa e os filhos. Ao recuperar a razão, arrasado com o que fez, Hércules procura o Oráculo de Delfos (templo de consulta às divindades gregas) para ver como poderia se redimir daquele crime terrível. A resposta é que ele deve se submeter ao rei da cidade de Micenas, que lhe dá os tais "12 trabalhos de Hércules", aparentemente inexequíveis.

As tarefas, todas devidamente concluídas pelo filho de Zeus, vão de matar um leão de pele invulnerável até limpar todo o cocô de boi acumulado por 30 anos nos estábulos de um rei pouco dado à higiene. Para não ter de pôr a mão no estrume, Hércules usa toda a sua força para desviar o curso de dois rios na direção dos currais. O lava-jato funciona, e também não é dessa vez que Hera consegue se vingar da traição de seu marido cafajeste.

ostentar um cetro real. Quando os deuses se reúnem, ela é reverenciada da mesma forma que Zeus. E, quando ele tem dúvidas sobre como governar o Universo, é ela quem lhe dá conselhos.

AS DEUSAS FICAM DE COADJUVANTES

Durante os períodos Paleolítico, Neolítico e até no Bronze Antigo, na Hélade, região em que se desenvolveria a civilização grega, povos sedentários cultuavam entidades femininas relacionadas à fertilidade da natureza. Divindades masculinas só passariam a se impor na região da Grécia com a vinda dos jônios, por volta de 1950 a.C. Ao contrário dos antigos habitantes da Hélade, que se ocupavam com a agricultura, os jônios eram nômades, que viviam de conquistas e se organizavam militarmente. Tinham, assim, uma relação menor com a terra, e por isso reverenciavam divindades masculinas, que os protegiam do clima e lhes garantiam sorte nas batalhas. Com a sua chegada, trouxeram também elementos masculinos de suas crenças. O mesmo fizeram os aqueus, os eólios e os dórios. Foi dessas levas de povos indo-europeus que o panteão grego tomou as formas que conhecemos hoje, e foi assim que Zeus, de um deus dos fenômenos meteorológicos, estabeleceu seu domínio sobre as então veneradas deusas da fertilidade. E o feminino – seja das deusas, seja dos mortais – ficou em segundo plano.

O papel de Hera, deusa rainha e mestra dos céus, será, antes de mais nada, guardar seu casamento com Zeus – daí ela se tornar a divindade protetora do matrimônio. Para manter acesso o desejo do marido diante da competição eterna com mortais e imortais, ela empresta, de tempos em tempos, o irresistível espartilho de Afrodite e, banhando-se nas fontes do Rio Canatus, capaz de restaurar sua pureza, permanece sempre virgem – mesmo depois de parir Ares, Hebe e Ilítia.

A primeira-dama do Olimpo não é uma esposa dócil nem uma mãe dedicada. É representada como uma esposa revanchista e madrasta terrível.

A primeira-dama do Olimpo não é uma esposa dócil nem uma mãe dedicada. Muito pelo contrário. Nunca é representada como mãe, e sim como uma esposa revanchista e madrasta terrível, que investiga todas as saidinhas de Zeus. Para castigar as amantes e os filhos bastardos do marido, ela arma todos os tipos de intriga rocambolesca e castigo impiedoso. Condena Hércules à servidão, persegue Dionísio antes mesmo de seu nascimento e faz com que a mãe dele, Sêmele, seja acertada por um raio e um trovão de Zeus. Leva Ino, a ama de Dionísio, a se jogar no mar com seu filho. Condena as filhas do rei Proito a vagabundear pelo Peloponeso como vacas loucas. Persegue Io, a sacerdotisa de Argos. E gera, por partenogênese (desenvolvimento de um ser por um óvulo não fecundado), o filho Hefesto, deus ferreiro deformado. Toda a sua existência como mulher se limita ao ciúme doentio que sente do marido.

IMAGENS: Getty Images

GATO E RATO OLÍMPICO

Mal Zeus e Hera voltam da lua de mel tricentenária e a deusa já abandona o Olimpo em protesto contra a infidelidade do esposo. Buscando um plano para levá-la de volta a seu leito, Zeus vai até o rei Citerão, mais sábio do que qualquer outro humano, que o aconselha a criar um factoide que alimente o ciúme da esposa e mostre quão tola é sua apreensão. Zeus então talha o tronco de uma árvore nas formas de uma mulher e o enfeita com adornos de noiva. Uma procissão é organizada, e o tronco é carregado dentro de uma charrete nupcial. Tudo à vista de Hera.

Fica claro para ela que seu marido é realmente um canalha. Hera, então, desce até a clareira onde a procissão acontece, interrompe a cerimônia e arranca o vestido da noiva. Ao ver que Zeus se casaria com um pedaço de madeira, ela reconhece sua falta de razão e volta a seu trono dourado no Monte Olimpo. Desde então, o casal nunca mais se separa – o que não quer dizer que as brigas deixem de acontecer.

Por que Zeus trai a esposa de forma tão sistemática? Hera acredita que tudo seja culpa da incontrolável vulnerabilidade masculina ao prazer carnal. Mas o rei dos deuses não concorda. "Na verdade, o prazer no homem é muito mais tedioso e fraco do que aquele que vocês mulheres compartilham", diz, para a raiva de Hera. Para esclarecerem o assunto, os dois descem à Terra e consultam o sábio Tirésias.

Diante da pergunta de Hera e Zeus, Tirésias responde, sem dúvida: "Venerável casal olímpico, numa escala de dez, a mulher goza nove vezes a parte do homem".

↓ Na mitologia machista da Grécia, Hera é a esposa chata que não deixa o marido se divertir.

A ira que já se acumulava no fígado celeste de Hera explode, e com essa resposta a deusa arranca a vista do pobre velho. Zeus, que é infinitamente justo, tenta reparar o ato da esposa dando a Tirésias o poder de prever o futuro e prolongando sua vida.

Certo dia, ela se cansa da infidelidade do marido e decide se vingar. Com outros deuses olímpicos, vai até seu leito para imobilizá-lo enquanto ele dorme, com cordas de couro cru presas por uma centena de nós. Ao despertar, Zeus os ameaça de morte, mas não consegue achar seu raio fulminante: os demais deuses tinham-no escondido e agora rolam de rir dos insultos.

A ninfa marinha Tétis prevê uma guerra civil no Monte Olimpo e corre em busca do hecatônquiro Briareu, que desenlaça cada nó com cada uma de suas cem mãos, libertando o rei dos deuses. Sabendo que o golpe foi liderado pela esposa, Zeus coloca Hera pendurada no céu, presa por braceletes de ouro nos pulsos e com uma bigorna amarrada em cada calcanhar, vulnerável às chibatadas do marido. Embora os outros deuses estejam horrorizados com a punição e os gritos da deusa, ninguém ousa socorrê-la, e Zeus lhes oferece liberdade em troca de um juramento de que nunca mais se rebelarão contra ele. Poseidon e Apolo são condenados a reconstruir a cidade de Troia, mas todos os demais conseguem ser dispensados dos trabalhos forçados.

OLIMPÍADA SÓ PARA MULHERES

Apesar de seus desmandos, Hera ganhou um papel forte nos cultos romanos e gregos. Entre os latinos, todo cônsul, ao assumir seu cargo, era obrigado a oferecer um sacrifício solene à deusa. Já os gregos chegaram a criar a Heraia, uma versão feminina da Olimpíada. Ainda assim, os jogos de Hera não ficaram em pé de igualdade com os dedicados ao marido: as mulheres, consideradas mais fracas, corriam apenas cinco sextos do percurso masculino.

POSEIDON

O senhor dos oceanos tem inveja de seu irmão mais poderoso. O único lugar onde consegue ser tão venerado quanto Zeus, a mítica Atlântida, é castigado pela audácia de seus habitantes: a ilha acaba engolida por um tsunâmi de proporções olímpicas.

NOME ROMANO
Netuno

DIVINDADE
Deus do mar

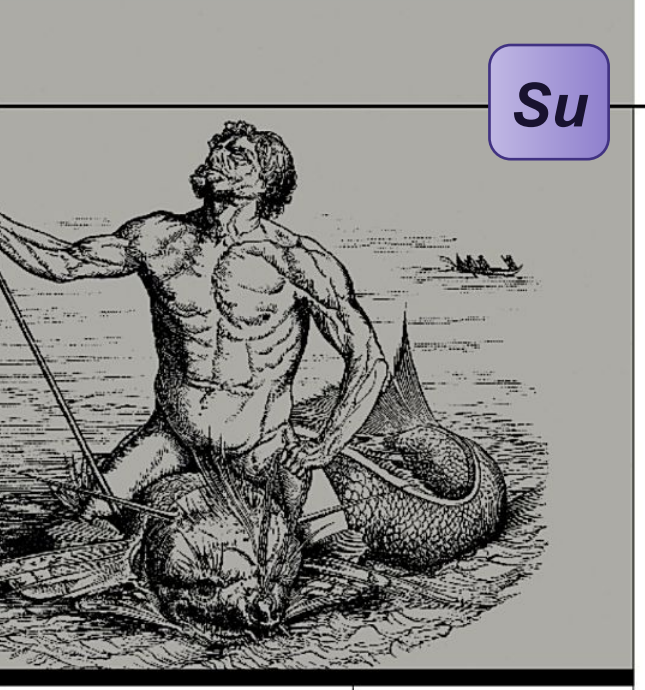
AO VENCEREM SEU PAI, Cronos, na guerra dos titãs, Zeus fica com o céu, Hades, com o Tártaro, e Poseidon, com o Mar Mediterrâneo. Nessa partilha, Poseidon torna-se igual a Zeus em dignidade, ainda que não em poder. E, por isso, terá sempre inveja do irmão.

Assim que ganha a soberania das águas salgadas, o deus constrói um esplêndido palácio submarino, em cujos estábulos guarda seus cavalos e sua charrete dourada. Com seu tridente, tem o poder de abalar rochedos, desencadear terremotos, tempestades e secas. Para completar, arranja uma esposa para compartilhar o reinado do mar.

Primeiro, Poseidon aproxima-se da titânide Tétis, que já deu à luz 3 mil rios e 3 mil ninfas com o titã Oceano. Mas logo o deus dos mares muda de ideia. Uma profecia de Têmis (deusa-guardiã dos juramentos dos homens) diz que qualquer filho nascido dela será maior que seu pai. O deus avança, então, para o lado da ninfa marinha Anfitrite, que, para fazer charme, imediatamente foge para o Monte Atlas. Poseidon envia até lá alguns mensageiros, e um deles, chamado Delfim, o golfinho, consegue convencê-la. Grato, Poseidon transforma seu arauto em uma constelação. Anfitrite torna-se rainha do mar e dá ao esposo três filhos.

Mas, para Poseidon, não basta ter o domínio sobre o mar e uma bela esposa. Ele precisa competir com Zeus também na quantidade de amantes. Deita-se com Afrodite, com Medusa e com tantas mulheres mortais que não seria possível listá-las.

↑ **Capaz de destruir populações inteiras com enchentes e secas, Poseidon é representado com um tridente.**



Ainda insatisfeito, Poseidon quer lugares em terra firme onde seja cultuado pelos mortais. Disputa com Atena (a deusa da guerra e da sabedoria – saiba mais sobre ela no próximo capítulo deste dossiê) pela proteção das cidades de Atenas e de Trezena – uma fica com Atena, a outra é compartilhada entre os dois. Depois, compete com Zeus por Egina, com Dionísio por Naxos, com Hélio por Corínto e com Apolo por Delfos. Frustrado por não ter sucesso em nenhuma das empreitadas, castiga cada uma das cidades com enchentes.

Numa última investida, tenta roubar a cidade de Árgolis, pertencente a Hera, rainha do Olimpo, mas novamente perde. Dessa vez, porém, a assembleia dos deuses olímpicos reúne os três deuses-rios que cortam Árgolis e, julgando a favor de Hera, resolvem impedir que Poseidon se vingue com enchentes. Irritado, o deus das águas decide então fazer o oposto: condena os três rios à seca em todos os verões.

Se não tem a sorte de possuir uma cidade continental para cultuá-lo, Poseidon tem no mar o lugar mais próspero da Terra: Atlântida, localizada além das Colunas de Hércules, que hoje é o Estreito de Gibraltar. Lá ficam os solos mais férteis, as flores mais cheirosas e as reservas de metais mais abundantes da Terra.

Único lugar onde Poseidon é venerado à altura dos outros olímpicos, Atlântida torna-se um opulento império. Até que a soberba de seus habitantes faz com que o reino seja destruído pelo mar.

Poseidon quer competir com Zeus até no número de amantes. Afrodite e Medusa estão entre as que se deitam com o deus dos mares.

A LENDA DE ATLÂNTIDA

Terá existido mesmo a exuberante civilização de Atlântida? A primeira referência sobre o lugar aparece em dois célebres diálogos de Platão, e muitos místicos gostam de acreditar que o filósofo ateniense tenha falado a verdade. Mas não há evidências de que a ilha fantástica tenha de fato existido.

Poseidon zela pela civilização que ali começava a florescer e se encanta por uma jovem maravilhosa, chamada Cleito. Com ela, o deus tem dez filhos, todos homens. Aliás, são cinco pares de gêmeos. Atlas, o primogênito, recebe a soberania sobre os demais irmãos e sobre as águas circundantes. É em sua homenagem que chamamos o segundo maior oceano em extensão do planeta de Atlântico.

A terra do império também é muito rica em recursos naturais. Lá se encontram em abundância ouro e prata. Um canal é construído ligando o interior da ilha ao mar, e Atlântida se torna a maior potência naval de que se ouviu falar no mundo antigo.

Mas o sucesso acaba com a humildade de seus habitantes. De comerciantes marítimos, eles passam a conquistadores. Invadem a região para além do Estreito de Gibraltar e dominam partes da África e da Europa. Escravizam povos nativos e avançam em seu expansionismo. Até que têm a má ideia de ameaçar a Grécia.

Zeus não tolera a agressão à região onde vivem as pessoas que mais preservam a adoração aos deuses. Decide que o fim de Atlântida e seus habitantes está próximo. A gota d'água é a tentativa de conquistar Atenas. Os atenienses lutam bravamente, repelem os invasores e, de quebra, liberam os povos conquistados.

Eis então que os deuses entram em ação. Um violento terremoto faz com que Atlântida sucumba ao poder do oceano. Em questão de um dia, a ilha e todos os seus habitantes afundam no silêncio do mar, sem deixar vestígios de sua gloriosa civilização.

IMAGEM: Getty Images

2

DEMÉTER

As estações do ano têm ligação com o estado de espírito dessa deusa. Uma tristeza profunda pode significar o fim das colheitas — e da própria raça humana.

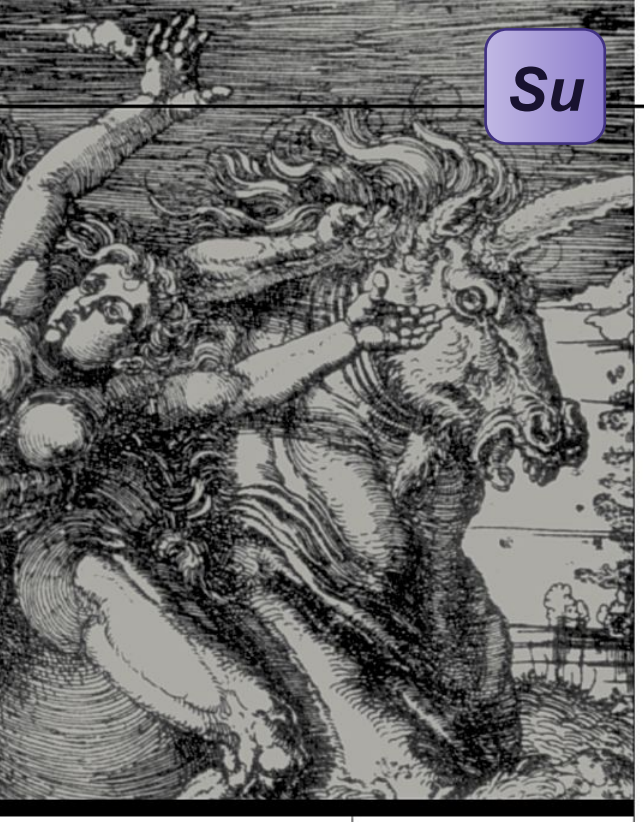
NOME ROMANO
Ceres

DIVINDADE
Deusa da agricultura

A

A DEUSA QUE ENSINA aos mortais as técnicas do plantio de cereais é uma das mais antigas da mitologia grega. A origem de Deméter data ainda dos tempos em que gregos cultuavam deusas da fertilidade em vez de divindades

↑ A filha de Deméter é raptada a mando de Zeus, para que seu irmão solitário, Hades, o deus do inferno grego, arrume uma esposa.



masculinas, trazidas por invasores nômades. Ela é uma deusa mãe, e nisso se aproxima tanto de Gaia, a Terra, que em Atenas ambas compartilham o mesmo templo.

Essa deusa, filha de Cronos e Reia e irmã de Zeus, nutre uma bondade infinita para com os pobres mortais, e tão elevado é seu espírito que permanece imune à maioria das intrigas que assolam o Olimpo. Mas um episódio a transforma completamente: o rapto de Perséfone, filha que teve com o irmão Zeus.

Mãe e filha se amam tanto que a história das duas acaba se embaralhando, assim como as colheitas se confundem com as estações do ano. Mas uma decisão de Zeus as condena a uma separação tão dolorosa que Deméter cai numa depressão capaz de ameaçar a existência da humanidade. O solo hiberna e as árvores perdem suas folhas.

Tudo começa num dia em que as duas, como de costume, andam pelo Monte Etna, na Sicília, para coletar belas flores. Em certo momento, a jovem Perséfone se maravilha com um brilhante narciso que Gaia produziu sob pedido de Zeus. Mas basta a garota estender as mãos na tentativa de arrancar a flor para que a terra se abra sob ela e a menina seja levada para suas profundezas tenebrosas. Quando o eco de suas súplicas refletidas nas montanhas chega até Deméter, a menina já foi engolida pelo solo.

A mãe corre então por nove dias e nove noites por toda a Terra em busca da filha. Está tão desconsolada que nem sequer se lembra de comer a ambrosia ou beber o néctar, os alimentos que imortalizam os deuses. De todos os que questiona, nenhum é capaz de informar-lhe o paradeiro da garota. Até que, ao décimo nascer do sol, Hécate vai até ela e a aconselha a encontrar-se com Hélio, o deus-sol. E assim faz Deméter: "Ó Hélio, ouvi o choro de minha filha como se ela tivesse sido levada à força, mas não a vi com meus olhos. Tu, que tudo vês sobre a Terra e sobre o mar, diz o que aconteceu com a querida Perséfone. Se a tiveres visto em qualquer parte, diz que deus ou que mortal a sequestrou", suplica a deusa.

"Rainha Deméter, nenhum deus imortal deve ser responsabilizado pelo desaparecimento de sua filha, senão Zeus, que a ofereceu em casamento a Hades, guardião do Tártaro", conta-lhe Hélio. "Sabendo que tu não aprovarias o matrimônio com um senhor de tão triste morada, o rei dos deuses a capturou. E a levou para as profundezas da escuridão."

Nenhum desgosto poderia ser mais doloroso para Deméter do que ter sua filha predileta confinada ao inferno dos deuses. Isso enche seu coração de tamanha raiva por Zeus que ela decide abandonar o Olimpo e viver disfarçada de velha nas cidades e nos campos.

Deméter passa a vagar pela Terra, sem inspiração para trazer a fertilidade ao solo. As sementes não germinam, por mais que os bois arem a terra. Uma maldição parece se aproximar da humanidade e dos deuses. A fome está prestes a elimi-

A depressão de Deméter pelo sumiço da filha coloca em risco a humanidade. Sem os frutos da agricultura, os mortais morreriam de fome.

IMAGEM: Getty Images

TEMPORADA DE LUTO

Ao sair disfarçada pelo mundo, inconsolável com a perda de Perséfone, a deusa quase ganha um filho adotivo.

DURANTE O PERÍODO em que se metamorfoseou em uma idosa mortal (uma figura análoga à tristeza que sentia desde que sua filha foi parar no inferno grego), Deméter um dia se senta à beira de uma estrada, até ser vista pelas quatro filhas de Celeu, rei de Elêusis, que saíram de seus domínios para buscar água.

"Ó velha, quem és e de onde vieste? Por que estás aqui e por que não te aproximas das casas de Elêusis? Há mulheres tão velhas quanto tu nos pátios sombreados das nossas residências, e outras mais novas que poderão cuidar de ti."

A deusa responde de modo a manter seu disfarce: "Caras crianças, meu nome é Doso, e recentemente cheguei a esta terra vinda da Ilha de Creta contra a minha vontade, fugida de meus sequestradores. Foi assim que cheguei, vagando pelas estradas sem saber em que terra estou e que povo aqui vive. Mas tende piedade de mim. Dizei para que casa devo ir. Assim trabalharei para meus mestres fazendo as atividades que cabem a uma velha como eu".

"Ó boa mulher, nós mortais precisamos aceitar com paciência o que os deuses nos derem, mesmo que soframos, pois são mais poderosos do que nós. Se quiseres, espera aqui que nós iremos até a casa de nosso pai e contaremos tua história para nossa mãe, Metanira, para que possas ficar conosco", é a resposta das jovens princesas.

Deméter aceita a proposta, e, em pouco tempo, as moças voltam para buscá-la. Quando atravessam a casa e encontram sua mãe, Deméter ilumina a entrada com a luz divina. Metanira então é tomada por um temor à deusa: "Ave! Estou certa de que não nasceste senão de pais nobres. Nós mortais suportamos tudo o que os deuses nos reservam. Como vieste aqui, aceita tudo o que temos a te oferecer. Toma este meu filho e cria-o por mim até que se torne adulto. Se assim fizeres, qualquer mulher a invejará, tamanha a recompensa que lhe darei por sua educação".

A deusa se contenta com o respeito recebido e aceita a missão: "Toda glória a ti, e que os deuses te garantam boa sorte. Serei feliz em cuidar de teu garoto".

E assim Deméter pega em seu colo o menino e se prontifica a criá-lo como um deus. Ela o alimenta de ambrosia em vez de comida e toda noite o aquece dentro de uma fogueira divina.

Pouco tempo se passa e os moradores de Elêusis já se impressionam com a velocidade com que o garoto cresce e com sua aparência divina. Mas a preocupação excessiva de sua mãe acaba impedindo que a criança se torne imortal. Certa noite Metanira observa o filho ser posto para dormir, e qual não é sua surpresa ao ver Deméter lançando-o ao fogo. Assustada, a mãe repreende Deméter, que coloca o menino no chão e vocifera: "Tola! Cometeste um erro que jamais será retificado. Eu poderia ter feito de teu filho um imortal, mas agora não há como ele evitar o terror da morte! Sim, sou a deusa Deméter! Agora que me irritaste, teu povo terá de construir em minha honra um templo no topo de uma montanha e realizar sacrifícios para acalmar meu coração!".

Metanira perde imediatamente a força de seus joelhos e, de tão chocada, se esquece de pegar o filho. Ao ouvirem o choro do irmão, as filhas da rainha correm para socorrê-lo, mas nunca mais ele terá tão boa ama quanto Deméter.

Obediente, o rei Celeu ordena a seus súditos que construam um templo no alto de uma montanha em honra à deusa.

nar a raça dos mortais, e, com eles mortos, os moradores do Olimpo não poderiam mais ser agraciados com suas honras e sacrifícios.

Diante da ameaça à sua adoração, Zeus, o ponderado rei dos deuses, ordena a Íris, a personificação do arco colorido dos dias de sol com chuva, que vá até Deméter e lhe suplique que volte ao Olimpo. Mas o coração de Deméter não é tocado. Ela só voltará à companhia dos imortais se puder ver sua filha com os próprios olhos.

GUARDA COMPARTILHADA

Ao ouvir isso, Zeus envia Hermes até a escuridão do Tártaro para persuadir Hades a trazer Perséfone de volta à luz. Ao encontrar o rei das trevas em seu palácio com a tímida esposa, Hermes diz: "Hades, mestre dos mortos, Zeus ordena que eu traga Perséfone da escuridão para o Olimpo para que sua mãe possa vê-la. Deméter planeja esconder sob o solo todas as sementes sem permitir que elas germinem. Não há o que possa dissuadi-la de reencontrar a filha".

Então sorri com tristeza o rei do Tártaro, que há tanto tempo não tinha em seu escuro e solitário palácio uma companhia iluminada como a da jovem Perséfone, e obedece ao irmão celeste: "Vai, Perséfone. Alegra a tua mãe, mas não deixes de nutrir o gentil sentimento de teu coração por mim, irmão do próprio Zeus. Além disso, quando estiveres aqui, receberás as maiores das honras entre os imortais".

A moça não pensa duas vezes. Feliz, parte para encontrar a mãe. Só não sabe que outra maldição a acometerá. Antes que ela parta, Hades lhe diz que coma uma romã. Perséfone não sabe que, uma vez ingerida, essa fruta, alimento dos mortos, jamais permite que a pessoa se liberte inteiramente do Tártaro.

Tão logo Deméter vê a filha, ela corre em sua direção e a abraça. Enquanto tem Perséfone nos braços, a deusa sente um medo repentino.

"Tu não comeste nada enquanto estiveste nos reinos de Hades, certo?", pergunta a mãe. "Não escondas nada de mim. Se nada tiveres comido, morarás comigo e com seu pai, honrada por todos os deuses. Mas, se tiveres tocado alguma comida, terás de voltar para as profundezas da Terra, lá passar um terço de cada ano e conosco viver apenas os dois terços restantes. Só sairás da escuridão quando os botões florescerem na primavera."

A resposta é desoladora: "Mãe, tenho de te dizer a verdade. Quando Hermes veio me trazer da escuridão, pulei de alegria. Mas Hades secretamente me alimentou com a doce romã".

De início, bate a tristeza no coração das duas. Elas se abraçam fortemente, e com isso seus sentimentos aos poucos vão se tornando alegria. Zeus envia à Terra sua mãe, Reia, que traz Deméter e a filha de volta ao reino celeste. Ele aceita que Perséfone passe um terço do ano no Tártaro e dois terços com a mãe. Quando a filha vai para o inferno com seu marido, o inverno chega, já quando Perséfone volta para sua mãe, é a primavera que resplandece.

No terço do ano em que Perséfone vai para o Tártaro com seu marido, o inverno domina a Terra. Quando ela volta para sua mãe, a primavera toma conta do planeta.

↑ O retorno de Perséfone aos braços da mãe tinha tudo para ser de completa alegria. Mas uma armadilha estraga a celebração.

IMAGENS: Getty Images

Su

OS FILHOS DE ZEUS

A maior parte das divindades do Olimpo são bastardos do rei dos deuses (tem também uma "produção independente" da esposa). Dos adultérios de Zeus, nasceriam os mais icônicos personagens da mitologia: patronos da beleza, da sabedoria, da guerra... Representantes tanto da harmonia quanto do conflito.

APOLO

Um dos protagonistas do Monte Olimpo, Apolo é dos mais adorados entre os deuses gregos. Até por ser uma divindade multifunção: é o deus do Sol, da luz, da verdade, da profecia, da cura, da beleza masculina, do equilíbrio, da razão...

NOME ROMANO
Febo

DIVINDADE
Deus da perfeição

O DEUS APOLO representa a essência dos valores da civilização helenista. Ele incorpora a pureza, a grandeza e a prudência. Sua luz é a luz metafórica, que inspira o coração da mesma forma que o Sol ilumina o mundo.

Mas o termo "apolíneo", no que significa de "harmonia" e "equilíbrio", talvez não pudesse ser aplicado a esse deus antes que ele atingisse a maturidade. Até lá, Apolo foi movido a paixões exageradas – um comportamento que lhe rendeu muitos dissabores, mas que também pavimentaria o caminho para o desenvolvimento de uma personalidade mais madura e, aí sim, análoga à perfeição.

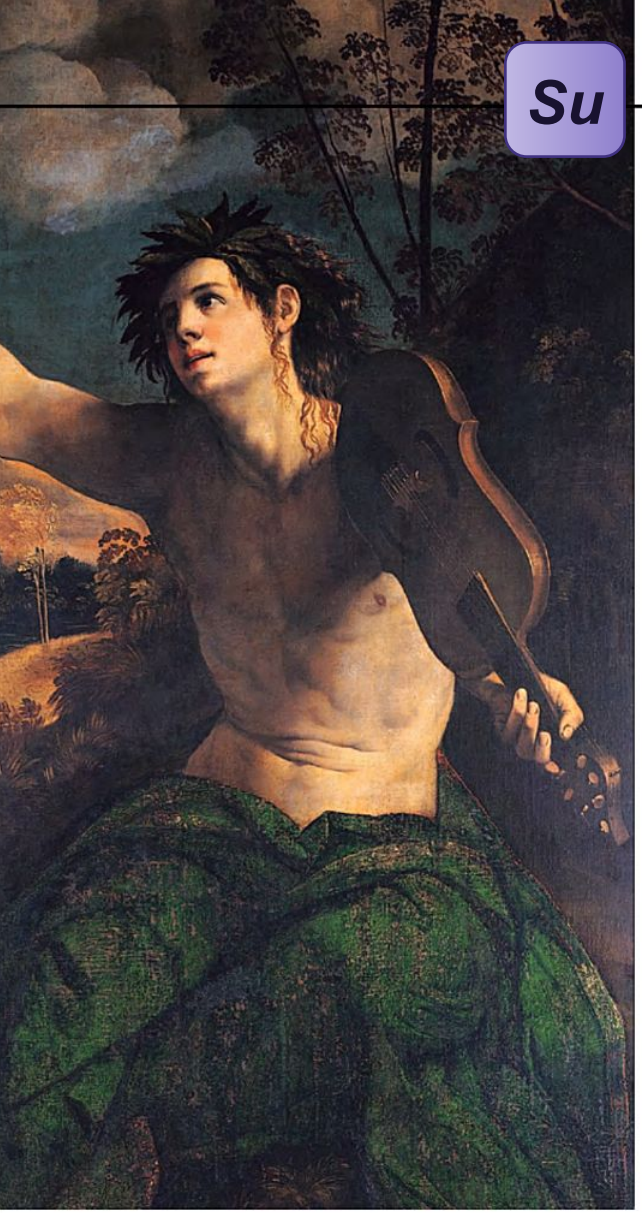
Mas antes vamos ver como esse deus veio ao mundo, segundo a mitologia grega.

Ainda nos tempos em que o titã Prometeu roubou o fogo do Monte Olimpo e o entregou aos mortais, Zeus ordenou que o irmão Poseidon, deus do mar, provocasse um dilúvio grande o suficiente para acabar com todos os humanos. Dele só se salvou um casal de cada espécie, que se protegeu numa arca construída por Deucalião sob o conselho de Prometeu. Terminado o dilúvio, a Terra foi coberta de um espesso lodo, que a fez produzir uma enormidade de coisas, tanto boas quanto más. Entre as piores delas está Píton, uma serpente gigante.

Quando Hera descobre que Leto, a deusa do anoitecer, está grávida de Apolo e Ártemis, filhos de Zeus, ela envia a terrível Píton para que impeça a rival de dar à luz. Sem poder parir em nenhum território, Leto consegue se livrar da maldição tendo seus filhos na ilha flutuante de Delos.

Apolo nasce de um parto difícil, mas basta ser alimentado com

IMAGEM: Getty Images



← Deus da música, Apolo toca um instrumento de cordas para o deleite dos imortais.

néctar e ambrosia para que cresça imediatamente e diga: "A música e o arco e a flecha serão caros para mim, e declararei aos homens o desejo infalível de Zeus!". Nesse momento, Delos se torna dourada com a luz que dele irradia.

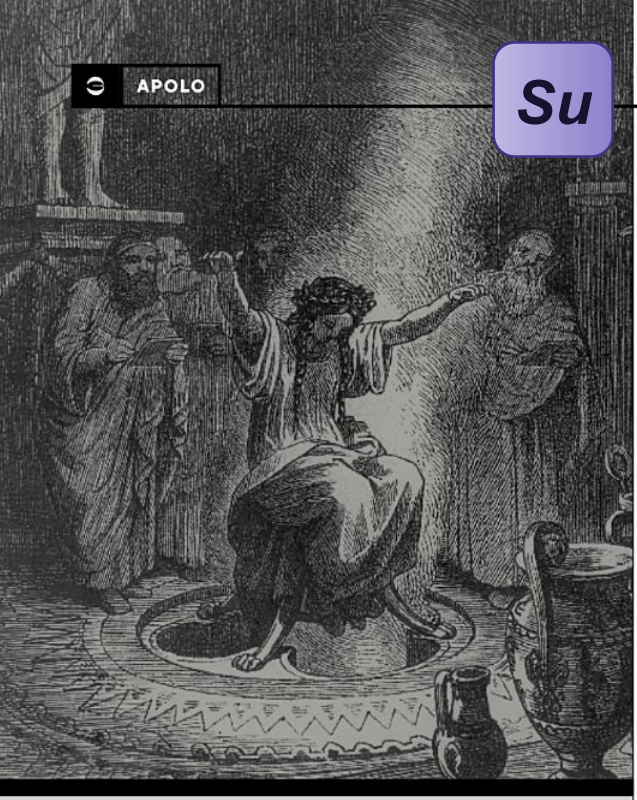
Ainda aos 4 dias de idade, Apolo segue ao Monte Olimpo para cantar junto aos deuses, e logo desce de volta à Terra para destruir a serpente Píton, que se esconde em uma caverna no Monte Parnaso. Apolo pega seu arco e flechas e acerta o monstro. Píton começa a se debater e a rodar, jorrando sangue até que conclui seu último suspiro em um grito ensurdecedor.

"Agora apodrece sobre o solo que alimenta o homem!", exclama Apolo. "Finalmente não serás mais uma maldição para aqueles que se alimentam das frutas nem trará nenhuma outra desgraça!".

Mas o poeta romano Ovídio nos conta que Apolo é tomado por uma vaidade tão grande quanto a bravura de ter matado a serpente. "Ou talvez ainda maior", pensa Eros, deus da paixão arrebatadora. Apolo vê Eros com seu arco e flechas e lhe pergunta: "O que fazes aí, menino insolente, com armas dignas da guerra? O arco e a flecha existem para ser usados somente pelos maiores dos deuses celestes, cuja força é capaz de matar bestas selvagens – tal como Píton, que acabo de aniquilar. Contenta-te com as chamas de tua tocha e deixa para mim a glória que me pertence!".

Eros responde: "Lembra-te, Apolo, que tu podes conquistar o mundo inteiro com teu arco, mas com esta pequena flecha posso eu atingir o peito teu, e assim a minha glória será maior que a tua".

Dito isso, Eros abre suas asas e sobrevoa o Monte Parnaso. De lá, puxa seu arco e lança duas flechas diferentes, uma com a ponta de ouro afiada, que anima o amor, outra com a ponta



ORÁCULO DE DELFOS

No templo dedicado ao deus da profecia, sacerdotisas intoxicadas falavam em nome de Apolo.

ERA NA CIDADE de Delfos que ficava o mais importante centro religioso da Grécia Antiga: um templo dedicado a Apolo, em cujos subterrâneos funcionava o Oráculo, a quem os cidadãos recorriam para receber previsões sobre o futuro, conselhos e orientações.

Duas falhas geológicas atravessam Delfos. Estudos feitos em 1996 mostraram que o subsolo do local é formado por pedra calcárea betuminosa, que pode emitir etileno, um gás capaz de produzir alucinações. Isso explicaria os "vapores sagrados" presentes no Templo de Apolo. Quando esses vapores eram inalados no local por uma sacerdotisa — uma mulher de vida irrepreensível, escolhida entre as camponesas gregas —, essa religiosa entrava numa espécie de transe mediúnico e seria possuída pelo espírito de Apolo, que fazia as profecias.

Esse centro místico de Delfos se manteve em atividade entre os séculos 8 a.C. e 2 a.C., e era muito procurado tanto por cidadãos comuns quanto pelas maiores autoridades da Grécia.

de chumbo rombuda, que o repele. A primeira atinge Apolo, que sente o coração encher-se de amor, a segunda acerta a ninfa Dafne, filha do rei Peneu, que então fica tomada pelo horror à ideia de amar. Em vez disso, a ninfa resume seu prazer à vida na natureza. Quando seu pai a aconselha a se casar e lhe dar netos, Dafne se envergonha e responde: "Querido pai, permita que eu viva para sempre virgem da mesma forma como Zeus prometeu a virgindade a Ártemis".

Mas, ainda que seu pai conceda seu desejo, Dafne permanecerá irresistivelmente atraente. E Apolo, mesmo presidindo todos os oráculos do mundo, não pode deixar de se enganar pela esperança de amá-la.

Quando vê os cabelos loiros de sua amada balançando em seu pescoço, o deus pensa: "Quão lindos seriam se ela os penteasse". Para seus olhos, os olhos de Dafne são como estrelas; seus lábios, os mais doces para beijar; suas mãos, seus dedos, seus braços, seus ombros, tudo o que vê na ninfa é o mais belo do mundo.

De nada adianta Apolo correr atrás de Dafne, pois, ao fugir, seus delicados pés são mais rápidos que o vento. Mesmo que o deus chame: "Ó ninfa, ó Dafne, não sou teu inimigo; por que foges de mim como a ovelha foge do lobo enraivecido, como o tímido fauno foge do leão, como a pomba foge da águia? Não corre, pois podes cair. Pergunta para quem quiseres e saberás que não sou um homem rude das cavernas nem um pastor. Sou filho de Zeus, e todos me veneram. É das minhas palavras que os oráculos informam sobre o presente, o passado e o futuro, e é da minha harpa que saem os sons que animam os deuses. Fui eu quem inventou a medicina e o poder das ervas, mas, por mais que minha obra seja aclamada em todo o mundo, não há poção que possa remediar a ferida do meu coração!".

Mesmo com essas palavras, Dafne continua a correr. E, quanto mais ela foge, mais linda parece a Apolo, que a persegue loucamente, tal qual o cão de caça ao notar o medo de sua presa. Até que Dafne começa a fraquejar, enquanto Apolo mantém seu vigor;

IMAGENS: Getty Images

sua respiração ofegante alcança os cabelos da amada. Ao sentir que não terá mais forças, ela invoca seu pai: "Ajuda-me, pai! Cobre-me com a terra! Destrói a beleza que me feriu ou transforma o corpo que destrói a minha vida!".

Antes mesmo de terminar sua prece, seu corpo é tomado pelo torpor; uma casca envolve seu seio e seus cabelos se tornam folhas. Seus braços se transformam em galhos, seus pés penetram a terra como raízes e sua face vira a copa da árvore.

Apolo abraça-a e sente os seios sob a casca do tronco. Tenta beijar seus ramos, mas eles se afastam dos lábios apolíneos.

"Tu podes não ser minha esposa, mas serás minha árvore preferida, e suas folhas, o louro, serão para sempre minha coroa."

Mesmo sendo o deus do equilíbrio e da razão, Apolo se apaixona loucamente por uma ninfa, que se transforma em árvore para evitar o assédio divino.

A MORTE DO FILHO

Somente uma vez Apolo causará desgosto a seu pai, Zeus. Mas esse desgosto será o maior que o rei dos deuses jamais poderá sofrer.

↓ Dafne corre com a velocidade do vento nas pernas. Mas chega uma hora em que Apolo alcança sua amada ninfa.

Tudo começa depois de Apolo se deitar com a mortal Corônis. Embora ela carregue um filho seu, apaixona-se por um príncipe.

Ao saber da traição, Apolo decide matar a mulher e o amante, mas consegue salvar, ainda na barriga da mãe, seu filho Asclépio.

Conforme Asclépio se torna adulto, começam a surgir por todos os cantos do mundo histórias de que ele não só cura os doentes como consegue trazer os mortos de volta à vida. Hades, rei do Tártaro, se irrita com a audácia daquele que rouba almas de seu reino sombrio e envia ao Monte Olimpo uma queixa formal contra o filho de Apolo. Zeus julga correta a indignação de seu irmão e, com seu raio, sentencia e executa a pena de morte de Asclépio.

Apolo fica desolado com a morte de um filho tão talentoso, e essa desolação se torna ódio cego. Em vingança contra o pai celeste, Apolo leva seu arco e flecha até o Monte Etna e mata os ciclopes, que produzem os raios de Zeus. O crime é tão grave que o rei dos deuses decide mandar Apolo, seu próprio filho, à escuridão do Tártaro.

Antes de Zeus levar a cabo sua nova sentença, Leto, mãe de Apolo, intervém e clama pela piedade celeste. Com isso, Zeus diminui a pena para um ano de trabalho forçado, e Apolo desce à terra dos mortais para pastorear o rebanho de vacas do rei da Tessália. Por mais indigno que esse trabalho possa parecer para um olímpico, Apolo o cumpre com dedicação. É durante esse período que ele conhece Hermes, seu meio-irmão e melhor amigo. Na ocasião, o rapaz rouba 50 das vacas que Apolo pastoreava, mas em troca o presenteia com a lira, cujo som vale mais do que os animais. Também é durante essa penitência que Apolo finalmente aprende a humildade. Depois de sua prepotência ter-lhe custado Dafne e quase tê-lo confinado no Tártaro, o deus da luz passa a sempre pregar a moderação.

Dali em diante, as frases "Conhece-te a ti mesmo" e "Nada em excesso" jamais sairão de seus lábios.

ÁRTEMIS

Preferindo a vida selvagem aos confortos do Olimpo, Ártemis não se separa de seu arco e flecha. Quando não está caçando, entrega-se aos cuidados de lindas ninfas, protetoras de sua virgindade.

NOME ROMANO
Diana

DIVINDADE
Deusa da caça

A

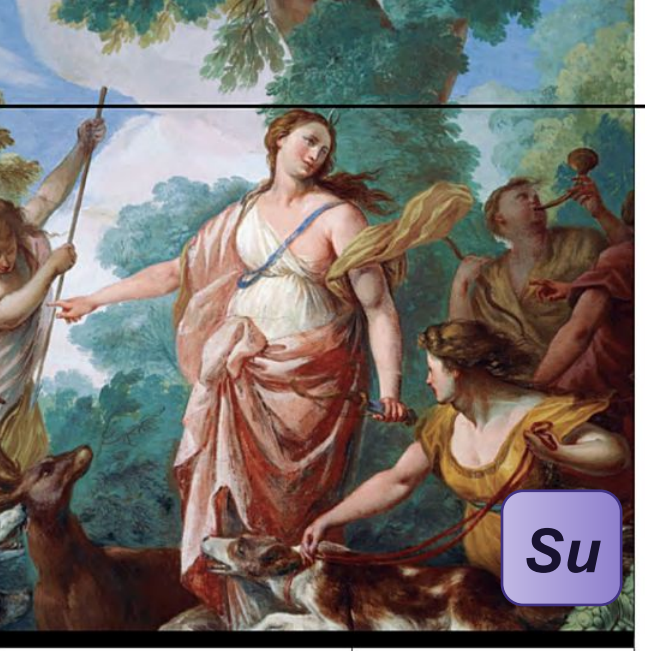
A IRMÃ MAIS VELHA de Apolo, também filha da titânide Leto, deusa da maternidade, é o que Sigmund Freud chamaria de "mulher fálica". Além de não querer nada com os homens, Ártemis se cerca de lindas mulheres (ou ninfas) e se interessa por atividades tradicionalmente relacionadas ao mundo masculino. É a deusa da caça e da vida selvagem. Seu voto de castidade, no entanto, não começa como uma ojeriza aos deuses e mortais do sexo oposto. E sim com o trauma de ajudar no nascimento de seu irmão. Quando Ártemis testemunha as dores do parto da mãe, fica horrorizada com um sofrimento tão grande e decide que não quer passar nunca por isso. Portanto, resolve guardar para sempre sua virgindade.

Quando a deusa ainda é uma menininha de 3 anos, Zeus chega até ela e lhe pergunta que presentes gostaria de ter para agir sobre o Céu e a Terra.

"Pai, dá-me em primeiro lugar a virgindade eterna. Também apreciaria seis jovens ninfas oceânicas que me acompanharão como minhas damas de honra."

Zeus dá a Ártemis isso e muito mais. Ela então parte para Creta e, perto de uma fonte, escolhe suas ninfas, todas altas e belas – só não tão altas nem belas quanto ela mesma. Com um convite do deus marceneiro Hefesto, visita os ciclopes na Ilha de Lipara e lhes ordena: "Ó ciclopes, fazei para mim uma arma tal como a de meu irmão Apolo. Para isso vos garanto que, se eu abater alguma criatura selvagem, eu a enviarei para vós".

↑ **Sempre na companhia de belas ninfas, Ártemis se cerca de cães e cervos em sua existência na natureza.**



Su

Armada, ela parte com suas ninfas até a Arcádia, onde Pã, ocupado em dilacerar um lince para alimentar sua matilha, lhe dá três cães, fortes o bastante para arrastar leões vivos, e outras sete cadelas da raça mais veloz, capazes de caçar mesmo as lebres que nunca fecham os olhos, com o melhor faro para encontrar o covil dos cervos, a toca do porco-espinho e a trilha da gazela. Seguindo em frente, às margens do riacho Anauros, a menina encontra cervos de chifres dourados saltitando. Pega quatro deles para puxar sua carruagem.

E assim sai Ártemis pelos bosques da Grécia. Basta fazê-la sorrir com um bom sacrifício para que os mortais tenham uma farta lavoura, gado saudável e fontes inesgotáveis de mel e cera. Mas que eles não ousem desagradá-la. Quem não cumprir os deveres para com Ártemis terá seu gado devorado por predadores, sua lavoura queimada pela geada ou a esposa morta no parto. Quem a contrariar pode acabar como Eneu, rei da Caledônia. Depois de plantar um belo pomar, ele faz a oferenda ritual de suas primeiras frutas aos deuses olímpicos – mas se esquece de homenagear Ártemis. Enciumada, a deusa das flechas envia ao pomar um javali selvagem que destrói todas as árvores até a raiz. Meleagro, filho do rei, reúne todos os caçadores das cidades da vizinhança, que finalmente conseguem matar o animal. Ártemis então incita a discórdia entre eles, e os caçadores começam a matar uns aos outros na disputa de quem ficará com o javali.

O trauma de ver o parto complicado de seu irmão Apolo leva a deusa a decidir que jamais sofreria essas dores de mulher. Faz voto de castidade e pune os homens que se aproximam.

O MORTAL QUE VIU A DEUSA NUA

Nenhum dom dá tanto orgulho à bela Ártemis quanto sua castidade, guardada com a ajuda de suas amigas ninfas. São elas que a protegem toda vez que vai banhar-se. A mais habilidosa penteia seus cabelos, e outras trazem enormes urnas repletas de água para que ela cuide de sua intimidade.

Certo dia, o deus-sol desponta no topo do céu quando o pastor Acteão se dirige a seus companheiros de caça, orgulhoso de seu trabalho: "Amigos, nossas redes e nossas armas estão molhadas do sangue de nossas presas".

De folga, Acteão é levado pelo destino até a gruta de Ártemis. Quando ele aparece na entrada, as ninfas correm em direção à deusa para escondê-la com seus corpos. Mas é tarde para proteger a nudez divina. Sem o arco e a flecha, só resta a Ártemis espirrar água na face do pastor.

No momento em que se molha, cresce na testa de Acteão um par de chifres em forma de galhos, suas orelhas se tornam pontudas; suas mãos e seus pés se transformam em patas, uma pelagem espessa passa a lhe cobrir o corpo. O herói sai correndo e, ao chegar a um córrego, vê seu reflexo: virou um cervo.

"O que posso então fazer? Voltar para meu palácio com esta aparência ou viver escondido nos bosques? Temo não ser reconhecido em minha casa, tampouco quero rebaixar-me à raça dos animais!", pensa Acteão.

Enquanto hesita, cães o veem. O pastor metamorfoseado corre entre despenhadeiros, rochedos e gargantas profundíssimas, mas não pode despistar cães tão rápidos e astutos. Finalmente eles o alcançam. Quando a matilha crava os dentes em sua carne, Acteão solta um gemido que não é humano nem animal. O feitiço de Ártemis só se desfaz quando ele exala seu último suspiro. Nesse momento, todos veem o vulto débil do príncipe surgir como um fantasma.

IMAGEM: Getty Images

DIONÍSIO

Orgias, bebedeiras, loucura... O deus devasso cujo nome romano inspirou o termo "bacanal" não veio para explicar — veio para confundir.

Su

↑ Por onde passa, a comitiva de Dionísio deixa um rastro de delírio, ressaca e, muitas vezes, morte.

NOME ROMANO
Baco

DIVINDADE
Deus do vinho

SE APOLO FOI O DEUS do equilíbrio, Dionísio era seu oposto. Foi a divindade ligada à embriaguez, às orgias e a todo tipo de excesso. Vale dizer que o culto aos deuses gregos vai além da crença pessoal, e além até mesmo da vida religiosa comunitária. Os deuses estão presentes em todos os aspectos da vida social e política. Eles sacralizam a ordem não apenas da natureza, como também dos homens. Deles

partem as leis, os costumes, a legitimidade das instituições.

Mas nem todos os humanos que vivem nas cidades gregas fazem parte da organização institucional da pólis. Para aqueles excluídos da ordem – as mulheres e os escravos –, criou-se um tipo diferente de culto. Um culto que coloca a todos no mesmo plano de igualdade, de forma oposta à que se dá no culto oficial. Ele não sacraliza a ordem à qual os homens precisam se integrar, mas oferece uma libertação radical dessa ordem, das ocupações comuns, das regras do cotidiano. São derrubadas as barreiras entre homem e deus, natural e sobrenatural, humano e animal. Não há mais o autocontrole valorizado pelos deuses. Nesse culto impera o delírio, a loucura da possessão, o êxtase religioso e uma intimidade com o divino tão intensa que funde indivíduo e deus. Entramos no reino do vinho. O reino de Dionísio.

Dionísio é filho de Zeus com a princesa tebana Sêmele. Como acontece na maioria dos casos amorosos de Zeus, sua esposa Hera descobre a traição e decide vingar-se: "Preciso lidar com essa garota de beleza tão autoconfiante. Vou apossar-me de meu cetro para destruir nela o desejo de ser mãe do filho de Zeus! Não serei mais a filha de Cronos se essa menina não for morta por seu próprio amante!".

Envolta em uma nuvem de ouro que assume a forma de uma velha, Hera desce à Terra. Sêmele a recebe acreditando tratar-se de Beroe, sua enfermeira. As duas começam a conversar sobre vários assuntos, até que tocam no nome de Zeus.

"Espero que meu amado seja de fato Zeus. Tantos homens ganham a cama de meninas inocentes dizendo ser deuses... Mas, pensando bem, nem mesmo ser Zeus bastaria. É necessário que ele prove também seu amor por mim, que me abrace com a mesma glória de quando se deita com Hera."

Nesse momento, Hera toma o controle da mente de Sêmele. Quando Zeus a encontra, a garota pergunta se pode fazer um pedido: "Escolhe o que quiser, pois não há o que eu lhe possa recusar", responde o deus.

"Quero que me ames tal como recebes Hera em seus braços."

Não fosse a influência da vingativa esposa de Zeus, Sêmele jamais cometeria tamanha blasfêmia, e, se pudesse voltar atrás, Zeus teria fechado os lábios da amante ou jamais teria feito sua oferta em primeiro lugar. Mas é tarde. E o preço por Sêmele se comparar aos deuses será sua vida.

Obrigado a punir a amante, Zeus ascende ao Olimpo e ordena que as nuvens carregadas colidam umas com as outras. Por piedade, no entanto, escolhe o mais fraco de seus raios. Com ele nas mãos, em um átimo desce de volta à casa de Sêmele e a ama conforme ela havia pedido, no mesmo instante em que a transforma em cinzas.

Com Sêmele morta, Zeus precisa encontrar alguma forma de garantir a vida ao filho concebido nesse trágico encontro. Ele então costura o embrião dentro da própria coxa, e na perna do pai se dá a gestação de Dionísio.

Assim que nasce o filho de Zeus, Hera ordena que os titãs sequestrem a criança, façam dela picadinho e joguem os restos em um caldeirão. Mas a avó Reia traz o menino de volta à vida, pedindo a Perséfone, a rainha do Tártaro, que o leve à casa do rei Atamas de Orcómeno, onde será criado como uma menina pela

Como a ciumenta Hera dá um jeito de matar a mãe de Dionísio quando ela ainda estava grávida, o deus passa sua gestação dentro da coxa de Zeus.

IMAGEM: Getty Images

← Dionísio é criado como menina para escapar da perseguição de Hera. Adulto, descobre a cultura do vinho.

rainha Ino.

Hera, que não pode ser enganada, descobre a estratégia e condena Atamas e Ino à loucura. Para proteger Dionísio, Hermes o transforma em um cabrito e o oferece de presente às ninfas do Monte Nisa. E assim ele cresce nas montanhas selvagens, mimado por belas figuras femininas.

Já adulto, o deus descobre a cultura da uva e o meio de extrair dela seu precioso suco. Mas é no vinhedo que Hera o reconhece, apesar de todos os trejeitos femininos trazidos por sua criação. Para castigá-lo, a rainha dos céus o deixa louco. E assim ele passa a vagar por todo o mundo, acompanhado de seu tutor, Sileno, de ninfas, pãs, curetes e sátiros. Vai ao Egito levando consigo a vinha. Depois, segue em direção à Índia. Ao chegar ao Rio Eufrates, é combatido pelo rei de Damasco, que não quer saber de vinho em seus domínios. Mas não adianta opor-se a Dionísio: o rei tem o couro arrancado ainda vivo, e, para fechar a vitória com ironia, o deus constrói uma ponte de videira para atravessar o Eufrates. Em seguida aparece mais um rio caudaloso. Para ajudar na travessia do filho, Zeus envia um tigre – daí o nome do Rio Tigre da Mesopotâmia.

Finalmente seu exército alcança a Índia, onde é recebido com espadas, adagas e machados. Por seu lado, os dionisíacos têm só a muda da videira, tamborins e címbalos. Basta, porém, transformar a água do rio dos indianos em vinho para que todos os inimigos fiquem bêbados. Intoxicados, os indianos matam seus bois achando que são sátiros, derrubam os carvalhos crendo que suas copas são a cabeleira de Dionísio, e alguns acabam mais dançando que lutando.

A vitória demorará bastante – o poeta grego Nonnus precisará de 27 livros para descrevê-la –, mas chegará. E, voltando triunfante, Dionísio introduz o próprio culto na Grécia natal.

O REI QUE QUIS PRENDER UM DEUS

A essa altura, príncipes gregos já ouviram falar da loucura que o vinho provocou na Índia, e alguns, para garantir a ordem em seu território, se opõem a que Dionísio seja cultuado. É o caso do rei Penteu, de Tebas.

Quando Dionísio volta à Grécia, homens, mulheres (principalmente elas), velhos e jovens tebanos correm para honrá-lo.

"Eu, Dionísio, deixei minha forma divina por outra mortal para visitar Tebas, onde fica o túmulo de minha mãe. Já deixei os vales da Lídia, onde abunda o ouro, e os campos dos frígios. Atravessei as planícies da Pérsia, as cidades da Arábia e a Ásia inteira, cujo mar banha as margens cobertas de cidades florescentes. Esta é a primeira cidade em que entro após ter conduzido para aqueles cantos as danças sagradas e celebrado os meus mistérios *[orgias]* para manifestar a minha divindade aos mortais. Tebas é a primeira cidade grega em que faço ouvir os brados das bacantes."

Em seu palácio, Penteu recebe a notícia da chegada daquele que acredita ser um charlatão. "Ouvi falar que as mulheres saíram de nossas casas, honrando com danças essa nova deidade, um tal Dionísio, seja ele quem for. Ouvi falar que em suas reuniões as taças rodam indiscriminadamente e que então tudo pode se passar em suas camas. Prenderei com correntes de ferro todos aqueles que participarem desse deboche. Não só prenderei Dionísio, que anda com moças dia e noite, enganando-as em seus mistérios, como também cortarei sua cabeça. E enforcado será aquele que o cultuar como deus."

Sob as ordens de Penteu, seus ser-

IMAGENS: Getty Images

vos levam Dionísio até ele de mãos amarradas atrás das costas. "Ó glorioso rei Penteu, aqui trazemos o forasteiro. Esta besta agiu docilmente em nossas mãos, nem sequer procurou reagir. Não ficou pálido nem vermelho, apenas riu e nos permitiu prendê-lo."

"Soltai as mãos dele. E tu, charlatão, qual o teu nome?".

"Chamo-me Acetes, um pobre pescador de Meônia. Velejando para Delos, tocamos na Ilha de Dia, e lá desembarcamos. Na manhã seguinte, mandei os marinheiros buscar água. Ao regressarem, eles trouxeram um menino delicado, que encontraram adormecido. Julgaram-no um jovem nobre e imaginaram que poderiam obter uma boa quantia por seu resgate. Vi suas vestes, seu rosto e concluí que só podia ser um deus. Pedi a ele que nos desse sorte em nossa empreitada, mas os meus marinheiros quiseram levá-lo a bordo. Eu me opus, mas um dos marinheiros me agarrou pelo pescoço e tentou me jogar para fora da embarcação. Só consegui me livrar porque me agarrei aos cabos do barco. Quando a tripulação agarrou a criança, que de fato era Dionísio, ele perguntou o que estavam fazendo. Um dos marinheiros disse que não havia motivos para recear, e que o levaria para onde quisesse ir. Dionísio pediu que o levassem a Naxos, e para lá partimos.

Quando o rei Penteu decide reprimir um culto a Dionísio, encontra a própria mãe bêbada, participando de uma orgia.

Su

↓ **Bacantes alcoolizadas avançam contra o rei de Tebas, que tenta proibir a devassidão dionisíaca.**

Mas, no meio do caminho, a tripulação decidiu vendê-lo como escravo. Dionísio, fazendo de conta que acabara de descobrir a traição, olhou para o mar e chorou ao ver as praias que não eram as prometidas. De repente, o barco parou no meio do mar. Uma trepadeira repleta de uvas enroscou-se nos remos e nas velas. Ouviu-se o som de flautas, e o cheiro do vinho tomou o ar. Tigres, linces e panteras cercaram o garoto, tomando os marinheiros de terror. Uns se jogaram do barco e logo tiveram seu corpo achatado. As narinas de todos dilataram-se e o corpo foi coberto de escamas. As mãos encolheram e se tornaram nadadeiras. Quando vi, toda a tripulação havia se transformado em golfinhos. Voltamos, então, eu e Dionísio, em direção a Naxos, onde celebrei os sagrados ritos desse deus."

"Besteira! Não me faças perder mais tempo com histórias", grita Penteu. "Servos, executai-o sem demora!"

Acetes é levado pelos servos a um estábulo. Mas, enquanto são preparados os instrumentos de execução, as correntes que o prendem caem por conta própria. Procurado, não é mais encontrado em canto algum.

Disfarçado agora de mensageiro, Dionísio conta ao rei que danças e orgias estão acontecendo nas montanhas de seu reino. Penteu decide, então, armar todos os homens e marchar contra aquelas mulheres, mas o deus convence-o a ir antes sozinho, vestido de mulher, para pegá-las em flagrante.

Penteu segue até uma clareira, onde vê uma orgia. As mulheres se viram ao mesmo tempo e, para assombro do rei, entre elas está sua própria mãe, inebriada. É ela que grita em direção a Penteu. "Ali está o leão, o maior monstro destes bosques! Vamos, irmãs, ver quem será a primeira a feri-lo."

Elas avançam contra o rei, que ora se defende, ora se desculpa. Mas não adianta. Penteu é despedaçado pelas mulheres enquanto sua mãe, num grito de vitória, arranca a cabeça do filho e a enfia na ponta de sua espada.

HEFESTO

Filho de Hera sem ter pai, Hefesto é o único feio entre os deuses olímpicos. Mas, com sua astúcia, torna-se marido da deusa da beleza, Afrodite.

NOME ROMANO
Vulcano

DIVINDADE
Deus do fogo e da metalurgia

A

A HISTÓRIA DE HEFESTO, o mais habilidoso dos deuses, começa em mais um dia de ciúme colérico de Hera contra Zeus, seu marido infiel. Como de costume, ela decide agir num impulso. Mas dessa vez a rainha do Olimpo não vai atazanar a vida das amantes do esposo. Ela gera um filho sozinha, por partenogênese. Quem sabe nasceria um homem corajoso, justo e com espírito guerreiro forte – mais forte até do que o dos heróis postos no mundo pela safadeza do marido.

No entanto, armar contra o mais poderoso dos deuses é receita para o fracasso. Não apenas está Zeus já ocupado demais em reger a ordem do Universo e inspirar seus filhos, tão bastardos quanto heroicos, para se incomodar com o ciúme da esposa, como também a petulância de Hera lhe reserva um terrível castigo: seu filho nasce muito feio, fraco e deformado, com quadris deslocados e pés tortos.

No Olimpo, uma deformidade não é coisa pequena. De todos os deuses, Hefesto é o único fisicamente imperfeito. Conforme ele ensaia seus primeiros passos, os demais deuses são tomados pelo riso: o aleijado que não consegue andar senão cambaleando. Furiosa, Hera decide então livrar-se daquela deformidade. Joga Hefesto das alturas do Olimpo e busca esquecer o erro criado por sua birra.

Assim, Hefesto cai, cai, cai... por um dia inteiro, até atingir as águas do Oceano, onde duas divindades marinhas se banham. Nas mãos salvadoras de Tétis, filha de Nereu, e Eurínome, filha de Oceano, Hefesto sobrevive ao malévolo ato materno sem sofrer nenhum machucado.

"Tão feio e tão indefeso", observam as duas, que, comovidas, decidem criá-lo secretamente em uma gruta submarina, livre do escárnio dos imortais.

Não demorará para que a criança mostre seus talentos. Com os metais que as duas extraem das pedras do mar, Hefesto começa a criar peças de ourivesaria delicadas como jamais vistas. Brincos, anéis, broches, pulseiras... Não há um dia em que o rapaz não produza algo em retribuição à acolhida que recebeu de suas amas.

Ao notar que Hefesto é um bebê feio e deformado, de pés tortos, Hera perde todo o instinto maternal: arremessa o filho das alturas do Olimpo.

IMAGEM: Getty Images

← Com seu martelo e bigorna, Hefesto é o menos atraente dos seres para a esposa Afrodite.

Mas tão grande quanto a gratidão por elas é o ressentimento nutrido contra Hera. Embora a proteção de Tétis e Eurínome limite seus atos, Hefesto não pode viver escondido por toda a eternidade. É por isso que, nove anos passados desde quando adotou o garoto, Tétis decide quebrar seu silêncio ao encontrar fortuitamente a deusa Hera.

"Minha cara, onde encontraste neste Universo uma joia de tamanha beleza?", pergunta a esposa de Zeus, olhando com inveja para o broche que Tétis carrega ao peito. A verdade sai-lhe pesada da garganta: "É de seu talentoso filho, Hefesto, que há nove anos albergo em minha caverna", responde Tétis a Hera, que, apesar de intrigada com a resposta, não dá sinais de querer vê-lo de novo.

Tétis volta ao fundo do mar e relata seu encontro ao protegido. Mas, em vez de sentir vontade de reencontrar a mãe, o rapaz só fica ainda mais indignado com a frieza de Hera. Sabendo então da vaidade da rainha dos deuses, Hefesto começa a arquitetar sua vingança. Cria o mais belo trono já visto, reluzente de ouro e ornado com lindos desenhos, e pede ao deus mensageiro, Hermes, que envie o móvel até o Olimpo.

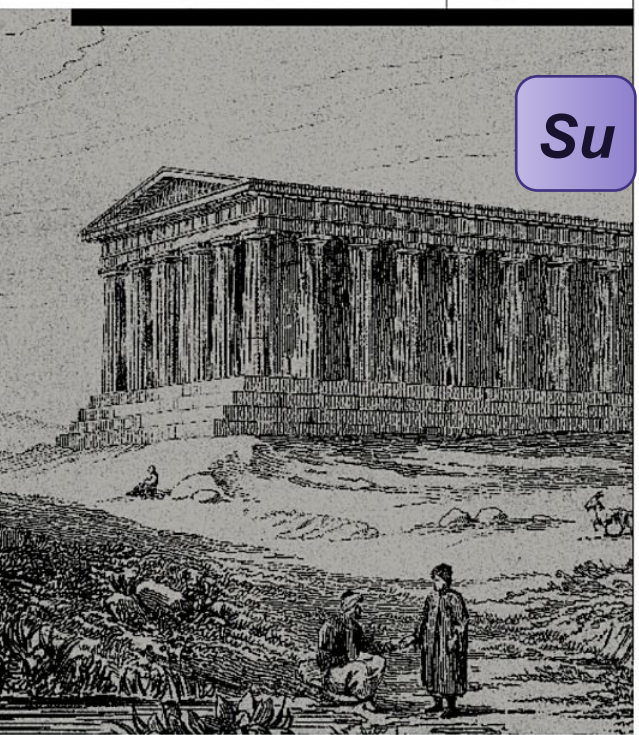
Basta Hera ver a beleza do trono para sentar-se nele confortavelmente, sem se dar conta de que ninguém poderia ter criado algo tão perfeito senão o ourives que moldara o broche de Tétis. Isso até tentar se levantar e não conseguir. Nesse momento, Hefesto mostra mais uma faceta sua: ele não é apenas o deus do fogo, da marcenaria e da ourivesaria, mas também o deus que ata e desata, capaz de tudo ligar e desligar. Com seu poder, deixa a mãe presa por tempo indeterminado.

Zeus então convoca seus filhos e ordena que arranjem algum meio para buscar Hefesto em seu esconderijo submarino e convencê-lo a libertar a mãe. O primeiro a partir é Ares, o sanguinolento deus da guerra. Mas He-

festo, que já está preparado para a represália materna, recebe-o com jatos de lava incandescente forjada de vulcões. Jamais a força bruta o convenceria a trocar a segurança de sua gruta subterrânea pelo desprezo dos deuses que tanto riram de sua deficiência física.

Diante dessa constatação, o deus Dionísio chega a um plano. Carregando suas ânforas de vinho, desce até o Oceano e convida Hefesto à bebedeira. O talentoso ourives cede à gentileza e verte o primeiro copo. Depois, o segundo, e assim por diante, até apagar de tão embriagado. Dionísio joga então o corpo inerte de Hefesto no lombo de uma mula e o leva até o Olimpo.

Os deuses estão reunidos. Desaparecido está o escárnio que levou Hera a jogá-lo ao mar. Em seu lugar, instaura-se a apreensão diante do jovem deus que já provou tanto seu talento quanto seu poder de fogo. Agora, até Zeus parece curvar-se diante dele: "Ó Hefesto, filho de Hera. Eu lhe garanto o que quiseres de nós em troca da liberdade de minha esposa", diz o rei dos deuses. Ele olha para os olímpicos e não tem dúvida.



↓Construído em 449 a.C., o Templo de Hefesto, em Atenas, existe até hoje. Sobreviveu por ter sido convertido em igreja cristã.

Feio e coxo, pede como esposa a mais bela de todas as deusas: Afrodite.

Conforme é realizado seu desejo, chega a hora de libertar sua mãe. Ao ver Hera paralisada no trono de ouro, uma infinidade de pensamentos passa por sua cabeça: "Não, talvez eu não odeie essa mulher. Acho que nunca quis realmente destruí-la. Na verdade, acho que é o contrário. O que eu quero é saber que ela precisa de mim. Que não viveu um dia em que não sentisse culpa por ter me jogado do Olimpo e me abandonado à própria sorte. Quero saber que se arrepende de seu egoísmo e frivolidade. Quero que ela me receba como mãe".

Mas a barganha com Zeus já estava feita com o oferecimento da mão de Afrodite. Fazer as pazes com Hera dependeria somente dos dois.

E o perdão acontece. No dia em que Zeus condena Hera a ficar dependurada no céu, levando açoitadas por ter armado contra a autoridade do marido, o filho antes rejeitado corre para defendê-la. Dessa vez, é Zeus quem o lança do céu. Mas Hefesto é trazido novamente ao Olimpo e assume o papel de pacificador entre os imortais.

UM CORNO NADA MANSO

No Olimpo, Hefesto é reconhecido como deus do fogo, do ferro, do bronze, da prata, do ouro, de todos os materiais fundíveis. É ele quem constrói os palácios de mármore e ouro dos deuses. Em sua oficina, cria maravilhosos instrumentos, utensílios e armas – as jarras das quais vários reis tomam vinho, as correntes que prenderão Prometeu, as flechas de Apolo e de Ártemis, o escudo de Aquiles... Os ciclopes e outras criaturas monstruosas também passam a trabalhar sob suas ordens no interior de vulcões.

De todas as criaturas do Universo, porém, nenhuma se beneficiará tanto de seu trabalho quanto a esposa, Afrodite. É a ela que Hefesto dedica o mais belo de todos os palácios, que de tanto brilho desponta como a primeira estrela do céu, visível mesmo antes de o sol se pôr. Mas talento e presentes não garantem o amor de Afrodite.

IMAGENS: Getty Images

A VINGANÇA EM FORMA DE JOIA

A filha de Afrodite com o amante Ares é quem paga pela infidelidade da mãe.

NADA INCOMODA MAIS a Hefesto do que ver a esposa dar à luz filhos ilegítimos enquanto ele mesmo jamais a fecundará. E nenhum dos frutos amarga tanto seu coração quanto Harmonia, filha de Ares e Afrodite. Ele só precisa do momento certo para aplicar-lhe a vingança, e a hora chega quando a moça atinge a idade de se casar.

Com a bênção de Ares, Harmonia se unirá a Cadmo, regente da Boécia, terra onde fica Tebas. Essa será a primeira vez que os deuses olímpicos assistirão a um matrimônio entre uma deusa e um mortal.

Para uma ocasião tão importante, os convidados escolhem os melhores presentes que poderiam imaginar para Harmonia. Deméter garante-lhe prosperidade nas colheitas, os tebanos oferecem a entrada para o lugar onde as musas tocam flauta, Apolo tange sua lira e Atena a presenteia com um robe dourado que lhe dá dignidade. Afrodite dá à filha um belo colar feito por Hefesto, capaz de dotar seu portador de uma beleza irresistível. Ela só não sabe que esse colar carrega uma maldição de seu criador, tão terrível quanto o sofrimento de ser traído. Ao vestir o colar, Harmonia se transforma em uma horrenda serpente. E Hefesto se vinga, afinal, da esposa adúltera.

Tudo o que a deusa vê em Hefesto é um trabalhador feio e suado a quem, por raramente sair da oficina, pouca energia sobra na cama. A verdadeira atração de Afrodite é por Ares – o violento deus que, desde a véspera da volta de Hefesto ao Olimpo, nunca aceitou ter perdido das lavas incandescentes atacadas por seu rival.

Aproveitando o pouco tempo livre do marido, Afrodite satisfaz ilicitamente seus desejos com Ares – e com muitos outros. Ela só não conta com a aliança entre o marido e o deus-sol.

A tarde ainda não terminou quando Ares e Afrodite entram no palácio construído pelo dedicado Hefesto e desonram sua cama. Mas, conforme é puxado por sua carruagem de fogo, Hélio deixa seus raios entrarem por uma janela. Assim descobre o adultério e corre para contar as más notícias.

O marido ouve indignado o relato de Hélio. Então vai até sua bigorna e começa a fazer correntes finíssimas, porém inquebráveis. Terminada a tarefa, volta a sua casa, enquanto Afrodite visita o pai, Zeus, e espalha as correntes pelo quarto. Algumas são presas na cabeceira da cama, outras, nas vigas do teto. Ao fim dessa tarefa, faz de conta que vai viajar para encontrar suas amas submarinas.

Ares, que não perderia nenhuma oportunidade de se encontrar com Afrodite, corre ao palácio de Hefesto assim que a vê retornar da visita a Zeus.

Hefesto chama todos os olímpicos para ver a esposa, Afrodite, traindo-o com Ares, o que só piora sua humilhação.

A deusa sorri e encaminha o amante até a cama. Mas basta o casal se deitar para que as correntes de Hefesto prendam os dois no ato. De coração dilacerado, Hefesto aproxima-se de sua casa. Chegando ao alpendre, grita com raiva selvagem: "Vem, Zeus, vinde todos os imortais para ver o que aconteceu aqui. Por eu ser coxo desde o nascimento e Ares ser belo e forte, Afrodite nunca deixou de me injuriar e dar a meu irmão o seu amor. No entanto, duvido que eles queiram continuar aqui juntos. Logo desejarão partir, mas minhas correntes vão mantê-los imobilizados até que Zeus me dê de volta todos os presentes que concedi a sua filha, tão dotada de beleza quanto libertina!".

Não demora para que os deuses venham até a frente de sua casa. Alguns riem do estratagema criado por Hefesto – uns por seu engenho, outros pelo ridículo da situação.

"Hefesto", chama-o Zeus, irritado, "és um tolo por tornar pública uma questão pessoal". Poseidon, de olho na sobrinha presa, mantém sua gravidade e se junta à opinião de Zeus. "É verdade, Hefesto. Deixa Ares partir", diz o deus dos mares. "Garanto-lhe que Ares pagará o equivalente a todos os presentes que deste a sua mulher."

"Poseidon, não me peças isso", diz Hefesto. "E se Ares não cumprir com suas palavras? Tu te colocarias no lugar dele sob as correntes?".

"Com a companhia de Afrodite, certamente", interfere Apolo, jocoso.

"Não acho que Ares quebrará seu compromisso", responde Poseidon. "E, se ele o fizer, pagarei a ti todos os presentes do matrimônio e casarei eu mesmo com Afrodite para manter a honra dela."

"Não devo nem posso recusar tua oferta", responde Hefesto, e com isso desfaz as correntes. Ares foge para a Trácia, e Afrodite, para o Chipre, onde renova sua virgindade nas águas do mar.

Hefesto jamais pedirá o divórcio nem cobrará os presentes prometidos em troca da libertação dos adúlteros. O deus do fogo será sempre cego de amor por Afrodite.

AFRODITE

O apetite sexual de Afrodite só é comparável ao do pai, Zeus. Mas ela não precisa de disfarces para conquistar seus objetos de desejo. Sua beleza e poder de sedução são irresistíveis.

NOME ROMANO
Vênus

DIVINDADE
Deusa da beleza e dos prazeres do amor

↑ Não há homens nem o mais poderoso deus que permaneçam imunes aos encantos de Afrodite.

AFRODITE PERSONIFICA a sedução. Ela é a materialização do ideal de beleza. E é capaz de corromper qualquer um, desmanchando os mais sagrados vínculos de fidelidade. É ela que leva deuses, deusas, homens e mulheres a tomar decisões irracionais. De todos os seres do Universo, somente três estão livres de sua influência encantadora: Héstia, a mais velha das filhas

de Cronos, Ártemis, a deusa da caça, e Atena, a deusa da sabedoria na guerra. De resto, até mesmo Zeus se perde na luxúria patrocinada pela deusa da sensualidade, para a ira da rainha do Olimpo.

Um exemplo de como o amor e o sexo são o filtro pelo qual passam todos os pensamentos e atitudes de Afrodite: quando ela pensa na armadilha criada pelo marido, Hefesto, o foco não é a humilhante punição sofrida, mas as declarações de amor que os mais jocosos dos deuses fizeram ao vê-la nua, presa sobre sua cama. Encantada com um comentário de Hermes sobre aceitar ser preso pelo triplo de correntes para estar com ela, a deusa faz sexo com o meio-irmão. Igualmente lisonjeada pela intervenção de Poseidon, ela se entrega ao tio. Depois, deita-se com Dionísio.

Afrodite não tem jeito. Faz amor com todos aqueles que cativam seus olhos, sejam deuses, sejam reles mortais. Com uma beleza que se torna irresistível quando ela veste seu espartilho mágico, não sobra homem nem deus imune a seus encantos.

O AMOR MORTAL DE AFRODITE

Essa deusa reina sobre o mais poderoso dos instintos: a procriação. Além de se envolver com deuses, ela exerce poder sobre o desejo alheio. Foi sob sua inspiração que Zeus amou tantas mortais e que tantas mulheres caíram em desgraça. Se aos homens a inspiração afrodisíaca traz uma felicidade irresponsável, a mesma influência leva as mulheres à fatalidade: arranca seus pudores e as faz tomar-se por uma infeliz paixão cega, muitas vezes criminosa, pelo homem alheio. Foi o que aconteceu com Medeia, que, para castigar o ex-amante Jasão por sua indiferença, mata a esposa dele e os próprios filhos. Afrodite também faz Fedra apaixonar-se pelo enteado Hipólito. A pobre, para evitar que o marido saiba de seu desejo, espalha o boato de que Hipólito tinha se apaixonado por ela, levando o pai a matar seu filho.

Com seu poder moderador, Zeus decide punir Afrodite por criar tantas intrigas passionais. E a melhor forma para isso é humilhá-la, fazendo-a apaixonar-se por um mero mortal. Enquanto caminha sem rumo pelo Monte Ida, Afrodite avista um homem levando seu gado para pastar. É Anquises, rei da Dardânia, território vizinho de Troia, cujas feições são tão belas que se igualam às dos deuses. Anquises nota a presença da deusa e sorri para ela. Nesse momento, a magia de Zeus é concretizada no coração divino de Afrodite.

Imediatamente ela viaja para o templo de Pafos, no Chipre, e ordena que as Graças a banhem e untem seu corpo com o óleo de ambrosia. Veste então roupas mais brilhantes que o fogo e joias de ouro forjadas pelo marido traído, Hefesto. Para não assustar seu amado, abandona as formas divinas e se transforma em uma bela virgem. Somente então Afrodite volta ao Monte Ida para encontrar o amado, tocando a lira sozinho numa cabana de pastores.

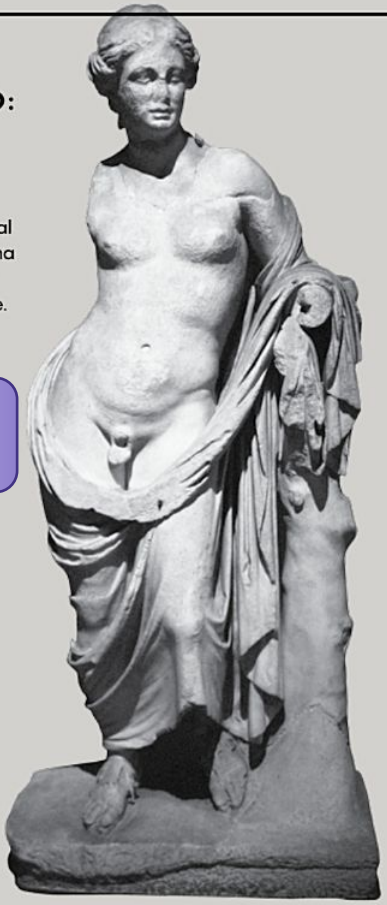
"Bem-vinda, senhora, seja qual das Abençoadas fores – Ártemis, Leto, a dourada Afrodite, a nobre Têmis ou Atena, dos olhos brilhantes. Ou porventura serias uma

Afrodite inspira tantos adultérios e crimes conjugais que Zeus decide castigá-la: sua pena é se apaixonar por um reles mortal.

IMAGEM: Getty Images

HERMAFRODITO: O SER DE DOIS SEXOS

Do breve amor da deusa do desejo sexual com Hermes, nasce uma criança, que recebe o nome do pai e da mãe.



O AMOR DE AFRODITE com seu irmão Hermes também dá fruto. Esse filho de ambos, quando aos 15 anos, encontra um lago em que é possível ver o fundo, tão límpida é a água. Lá, mora a ninfa Salmácida. Diferentemente das outras ninfas, ela não partia para os bosques para caçar nem para disputar corridas. Ficava sozinha, banhando seu corpo e penteando seus longos cabelos. Quando Salmácida vê o belo Hermafrodito, canta para atrair sua atenção: "Lindo rapaz, felizes são os deuses que te conceberam. Abençoado seja teu irmão e abençoada seja tua irmã, se os tiveres. Abençoada seja também a ama que te amamentou, mas mais abençoada ainda seja aquela com quem te casares. Se já houveres sido prometido a alguém, que seja roubada de mim a felicidade, mas, senão, deixa que eu seja tua noiva!"

O rubor toma a face de Hermafrodito, que não sabe sequer o que é o amor. Mas tal rubor só o deixa mais belo. A ninfa pede então um beijo, um beijo fraterno que seja, e abraça seu pescoço branco.

"Basta!", diz Hermafrodito. "Pare com isso, ou eu abandonarei este lugar."

Com medo de perdê-lo, Salmácida simula deixar o lago, e o rapaz se vê novamente sozinho. Ele tira então suas roupas e se lança às águas cristalinas. Nesse momento, a ninfa grita: "Venci, ele é meu", despe-se e o agarra nas águas, forçando-lhe beijos e carícias. Hermafrodito tenta fugir de seus braços, mas eles o prendem como um polvo que envolve sua presa.

"Tolo, podes lutar quanto quiseres", diz Salmácida, "mas jamais escaparás de mim. Deuses, que não haja um dia em que nós sejamos separados."

Os deuses ouvem seu clamor, e assim os dois corpos se unem em um só, nem homem, nem mulher, mas os dois ao mesmo tempo.

Desesperado, ao sair da água com os suaves membros de uma fêmea, Hermafrodito grita aos céus: "Pai, mãe, por favor, garanti-me que todos aqueles que se banharem aqui emerjam como eu, metade homem, metade mulher". Os pais o ouvem e, para compensar o filho de dois sexos, enfeitiçam as águas conforme seu desejo.

IMAGENS: divulgação, Getty Images

das Graças, que a todos os deuses ajudam, ou as ninfas das fontes e dos gramados? Erigirei um altar para ti e nele te oferecerei sacrifícios o ano inteiro. Sê graciosa para tornar-me grande entre os troianos, fazer meu gado procriar e dar-me a felicidade e longevidade nesta vida."

"Ó Anquises, o mais nobre dos homens, não sou uma deusa!", responde Afrodite. "Por que me igualas às imortais? Meu pai é o rei da Frígia. Os troianos, que me criaram, informaram-me que em tua cama devo tornar-me uma mulher casada e dar-te filhos nobres. Leva-me a teus pais e eles te dirão se serei ou não uma boa nora para eles. E mande uma mensagem para meus pais na Frígia, que eles te enviarão um dote esplêndido de ouro para que tenhamos um casamento digno dos mortais e dos imortais."

Além de exalar desejo sexual, Afrodite provoca amores e seduções entre deuses e mortais. Uma paixão louca que muitas vezes acaba em tragédia.

Com tal resposta, Anquises é tomado por um doce desejo. "Se és mortal, filha de Otreu, como dizes, e, trazida pela vontade do deus mensageiro, Hermes, queres ser minha esposa, então deus algum me impedirá de amar-te."

Dadas essas palavras, Anquises pega as mãos de Afrodite, que se deita sobre as peles de ursos e de leões caçados pelo amante. Tira as vestimentas da deusa e seus adornos, solta seu cinto e, sob o decreto dos deuses, deita-se sobre Afrodite.

Ao nascer do sol, quando os dois estão para partir, Afrodite revela sua identidade e pede que ele jamais conte a alguém que se deitou com ela. Anquises é tomado pelo horror ao saber que ousou desnudar uma deusa e pede desesperado que ela não ceife sua vida em castigo.

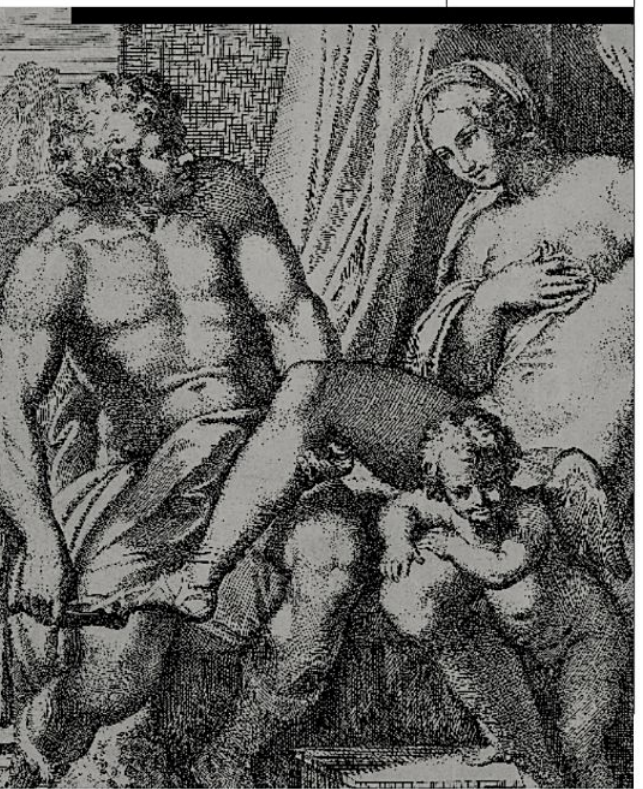
"Não te preocupes. Não há o que temer. Terás a vida salva e um filho famoso", diz Afrodite.

Os dias se passam, até que, durante uma noite em que Anquises bebe vinho com seus colegas de pastoreio, um deles lhe pergunta: "Não preferirias dormir com a filha de fulano do que com a própria Afrodite?".

"Não, meu caro", responde Anquises, embriagado. "Tendo já dormido com ambas, considero sua pergunta inútil."

Ao ouvir tamanha blasfêmia contra uma deusa, Zeus lança seu raio mortal em direção a Anquises. Afrodite voa ao seu encontro para protegê-lo com o espartilho mágico. Ela de fato consegue desviar a munição divina, mas o raio ricocheteia em direção ao pé do amado. Sua vida é poupada, mas o choque é tamanho que nunca mais ele poderá ficar de pé. Como já lhe basta o marido Hefesto de aleijado em sua vida, Afrodite abandona o amante mortal tão logo ela dá à luz seu filho Eneias.

E logo a deusa parte para sua próxima aventura amorosa.



↓ **O rei Anquises tem o privilégio de ir para a cama com a deusa do sexo. Mas se dá mal ao contar vantagem disso.**

ARES

Ele é a divindade inspiradora dos confrontos entre nações. Ares quer ver derramamento de sangue e selvageria. O Medo e o Pânico são seus filhos.

NOME ROMANO
Marte

DIVINDADE
Deus da guerra

← Ares só não quer guerra com ninguém quando se envolve com sua irmã e amante, Afrodite.

Os dois são deuses da guerra, mas se ocupam com facetas opostas dos conflitos. Enquanto Atena se volta à estratégia que minimiza a derramada de sangue e maximiza os ganhos da batalha, Ares ama a matança gratuita. Para saciar sua sede de sangue, ele é auxiliado por dois filhos que teve com Afrodite – Deimos (o Pânico) e Fobos (o Medo) –, além de Éris (a Discórdia, mãe de todos os males humanos), Ênio (a Destruidora de Cidades), as Queres (seres noturnos que dilaceram os cadáveres e sugam o sangue dos mortos em batalha), Limo (a Fome, que alimenta os saques), Ponos (a Fadiga, que enfraquece os combatentes), Algos (a Dor, que os imobiliza) e Lete (o Esquecimento, que joga irmãos contra irmãos). Mas tão irracional é sua sanguinolência que raramente sai vencedor dos combates que empreende. Já o esplendor da vitória, Nice, pertence a Atena.

Por causa do temperamento violento de Ares, os gregos sempre preferem invocar Atena em vez dele. São raros os templos erigidos em sua honra na Grécia, e apenas duas estátuas suas são conhecidas – uma delas em Esparta, cidade guerreira onde se faziam sacrifícios humanos em nome de Ares.

Já os romanos veneraram Marte, o nome latino de Ares. Tanto que, na sua variação da mitologia, o deus da guerra é pai de Rômulo e Remo, heróis fundadores de Roma. Entre os vários templos que Ares tinha em Roma, o mais célebre foi o dedicado por Augusto, sob o nome de Marte Vingador.

Apenas duas estátuas de Ares são conhecidas, uma delas em Esparta, cidade guerreira onde se faziam sacrifícios humanos em seu nome.

N

NA FAMÍLIA OLÍMPICA, todos nutrem uma desconfiança profunda por Ares, por causa de seu espírito violento. A exceção é sua amante, Afrodite, atraída por sua masculinidade incontrolável.

Para Hera, sua mãe, Ares é uma vergonha sem fim. Depois de ter com Zeus a filha Ilícia, deusa dos partos difíceis, e Hebe, deusa da juventude, a rainha do Olimpo esperava ansiosamente pelo nascimento de um varão. Hera tivera ainda, sozinha, Hefesto, o coxo. Quando finalmente nasce Ares, Hera enche-se de orgulho. Até que enfim ela dará ao marido um varão tão vigoroso que poderá contrapor-se à bastarda Atena. Mas o rapaz sai-se uma criatura traiçoeira, a quem faltam todas as virtudes que sobram na filha ilegítima de Zeus.

IMAGEM: Getty Images

HERMES

Um dos mais espertos e irreverentes dos deuses, Hermes é guardião dos viajantes, protetor do comércio e também o leva e traz das fofocas entre os imortais.

NOME ROMANO
Mercúrio

DIVINDADE
Mensageiro dos deuses

O SOL COMEÇA A NASCER quando a ninfa Maia dá à luz Hermes, em uma caverna do Monte Cilene, na Arcádia, o filho de seu amor com Zeus. Mas a criança se desenvolve tão rapidamente que ao meio-dia já está sentada no berço tocando sua lira, que produziu com o casco de uma tartaruga e tripas de ovelhas. Quando o sol se põe, vai até a Tessália, onde o deus Apolo termina de pastorear seu rebanho de vacas. Quando o deus da luz se recolhe em sua cabana, Hermes rouba-lhe 50 das vacas apolíneas. Assim começa a sorte do futuro mensageiro dos deuses, mestre das estradas, da reprodução de animais, da diplomacia, do comércio e da persuasão.

Em seu caminho pela noite, ele encontra um idoso, ainda trabalhando em seu vinhedo.

"Ó velho das costas curvadas, terás uma colheita abundante se fizeres de conta que nunca me viste."

E Hermes segue atravessando com seu rebanho roubado por montanhas escuras, vales plenos de ecos e planícies floridas. Assim caminha até que um azul-escuro começa a predizer a chegada do sol. Às margens do Rio Alfeo, ele encontra um estábulo ideal para guardar os animais e vai coletar lenha para fazer uma fogueira de sacrifício. Escolhe as duas vacas mais novas e as mata com um ferimento na nuca enquanto emitem um mugido surdo. Abre então as carcaças, deixa as vísceras e o corpo sobre uma rocha e divide as carnes mais tenras em 12 partes.

Hermes está cansado da viagem e não há nesse momento o que queira mais do que comer aqueles pedaços de carne cobertos de banha. Mas seu coração não se deixa levar pelo estômago: o menino sobe no telhado do estábulo e lá pendura os pedaços de carne. Pega então as

IMAGEM: Getty Images

← "Prometo jamais mentir. Só não garanto contar sempre a verdade inteira", diz o esperto Hermes.

A malandragem de Hermes gera desconfiança, mas também simpatia dos outros imortais. Zeus ri ao conversar com seu filho mais sagaz.

patas e as cabeças e as lança ao fogo. E assim homenageia os 12 veneráveis deuses olímpicos – já incluindo a si próprio entre os dignos do panteão.

Ao fim do ritual, Hermes joga as sandálias no rio, cobre as cinzas com areia e, conforme a Aurora invade o céu, voa como o vento até a caverna onde nasceu. Ajeita-se em seu berço e se enrola nas faixas como se jamais tivesse saído de lá.

Mas, ainda que seja um deus, não pode escapar da deusa sua mãe, Maia: "O que fazes, espertinho? De onde chegas assim em plena noite, seu sem-vergonha? Retorna para lá de onde vieste! Não sabes o tormento que causaste!".

"Mãe, por que tentas assustar-me, como se eu fosse um bebê sem malícia na alma, desses que temem as reprimendas da mãe? Tudo o que faço é para que nós dois não vivamos nesta caverna sem ofertas nem rezas, como tu esperas. É melhor viver para sempre na companhia dos imortais, rico, próspero e bem nutrido, do que ficar nesta espelunca escura. Eu terei o mesmo prestígio do qual goza Apolo, e, se meu pai não o garantir, eu me viro. Se precisar, posso me tornar o rei dos ladrões. Espera e verás."

A luz da manhã finalmente abraça o mundo quando Apolo se dá conta da falta de 50 cabeças de seu rebanho. Sai à sua procura e no caminho encontra o velho do vinhedo.

"Ó velho, que ceifa as ervas daninhas destes prados, estou à procura de vacas que me roubaram. Diz se por acaso viste alguém guiando-as por esta estrada."

"Muitos viajantes de fato percorrem esta rua, e entre eles alguns vêm nutrindo maldosas intenções. Outros, ótimos propósitos. É difícil julgá-los um por um. De toda forma, realmente por mim passou um bebê que guiava vacas de belos chifres. Fazia-as an-

dar de ré, com as cabeças viradas em direção a ele."

Ao ouvi-lo, Apolo volta apressadamente para a estrada. Nota então uma águia de asas abertas e disso depreende subitamente que o ladrão é filho de Zeus. No caminho encontra uma profusão confusa de pegadas.

O deus Apolo se apressa em seguir as estranhas marcas até chegar a uma caverna de onde exala um doce perfume. Apolo entra e, ao ver um bebê enrolado, desfaz suas ataduras, enfurecido.

Fazendo-se passar por uma criança, Hermes espreguiça a cabeça, as mãos e os pés, como se acabasse de ser acordado. Mas Apolo não se deixa enganar. Revira todos os recintos da caverna, pega uma chave reluzente e abre três despensas cheias de néctar e ambrosia, alimentos dos deuses, e grandes quantidades de ouro e prata, além de vestes de ninfas e tudo o mais que se encontra nas moradas dos deuses. Depois de tudo revistar, Apolo dirige a palavra a Hermes: "Nós dois daqui a pouco brigaremos. Eu te pegarei pelos cabelos e te jogarei no Tártaro".

A isso Hermes responde movendo as sobrancelhas para cima e para baixo, olhando por toda parte como se não entendesse do que o meio-irmão celestial fala: "É verdade que vieste aqui procurar as vacas que habitam os campos? Não vi, não sei, não escutei outros falarem disso. E não pareço um ladrão de bois. O que me interessa é o sono, o leite e minha mãe. Na verdade, grande prodígio seria que um menino recém-nascido roubasse vacas em uma montanha. Nasci ontem: os meus pés são tão delicados que não suportariam pisar na dura terra".

Enquanto Apolo lhe responde, Hermes assovia como se ouvisse um discurso vão: "Ó exímio charlatão e enganador. Se não queres dormir o teu último e supremo sono, desce do berço. Serás chamado para sempre o rei dos ladrões".

Assim, Apolo pega a criança no colo e a leva embora. Num momento, Hermes força um espirro e cai no chão. Apolo lhe dirige novamente a palavra: "Cedo ou tarde, encontrarei minhas vacas; mas serás tu que me indicarás a estrada".

"Suas tarefas incluirão a criação de tratados, a promoção do comércio, a manutenção do direito de todos os viajantes de percorrer qualquer estrada", diz Zeus a Hermes.

E assim continuam os meios-irmãos discutindo pelo caminho sem chegar a conclusão alguma, andando até o cume do Monte Olimpo, onde Zeus, pai de ambos, espera por eles com a balança da justiça a postos.

"Um recém-nascido com o aspecto de um arauto? Grave questão é esta!", diz Zeus.

Apolo então conta toda a história sobre o sumiço de suas vacas, as pegadas misteriosas que não levaram a elas e a teimosia com que Hermes negou ser autor do roubo. Diante disso, Hermes confessa o crime ao pai: "Ó pai, Zeus, não sei mentir. Apolo veio à minha casa sozinho à procura das vacas hoje mesmo. Ele me ordenava a informá-lo, com muita prepotência, e muitas vezes ameaçou jogar-me no vasto Tártaro. Deves acreditar, uma vez que tu te vanglorias de ser meu pai, que não trouxe à minha casa as vacas para fazer fortuna. Respeito profundamente os deuses e nutro afeto por ti. Por mais que Apolo seja forte, um dia eu farei com que ele pague por esse desumano sequestro; afinal, tu proteges os mais jovens".

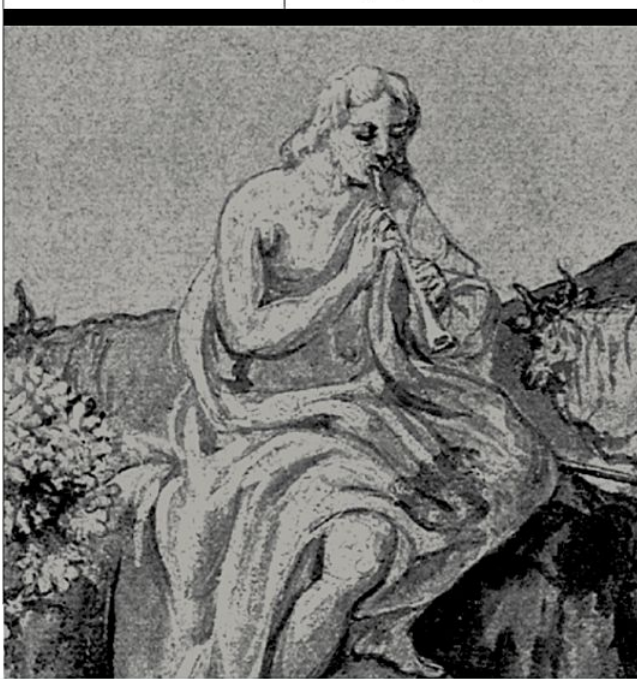


IMAGEM: Getty Images

RECONCILIAÇÃO DIVINA

Com o coração, Zeus ri da eloquência de seu filho, ordena que os dois se reconciliem e procurem o rebanho no lugar onde Hermes o escondeu. Apressados, eles chegam ao estábulo, de onde Hermes traz as vacas de Apolo. Mas, à distância, o deus da luz reconhece o couro das duas vacas sacrificadas.

"Bandido, se ainda bebê conseguiste matar duas vacas, realmente me preocupo com a força que terás adulto", diz Apolo. "É melhor que não cresças muito."

Apolo então agarra as pernas de Hermes e as prende com um forte laço de vime. Nesse momento, Hermes pega sua lira e começa a tocá-la para encantar o irmão. E, conforme soam as límpidas notas, Hermes as acompanha com sua voz de menino. Apolo para imediatamente de amarrá-lo e, maravilhado, diz: "Tu inventaste algo que vale mais do que minhas vacas. Acredito que podemos entrar facilmente em um acordo se me presenteares com essa arte milagrosa. Se me ensinares tua arte, serás famoso entre os deuses imortais".

O mais novo responde a seu irmão: "Não sou contrário a que tu a aprendas. Hoje mesmo a conhecerás. Na verdade, quero ser teu amigo. Mas conversamos sobre o acordo. Zeus te concedeu o dom das profecias. Da tua parte, meu caro, deixa para mim essa glória".

↓ **Hermes provoca a fúria de Apolo ao roubar seu rebanho. Mas é perdoado quando lhe ensina a arte da música.**

Hermes oferece então a lira a Apolo, que, com prazer, doa ao meio-irmão seu chicote e o rebanho roubado. Os dois voltam então ao Olimpo, Apolo nutrindo para sempre afeto por Hermes.

"Estreitarei contigo um acordo perfeito entre imortais. Eu te darei a prosperidade, e Zeus te encarregará de introduzir o comércio entre os homens. Mas a profecia que me pedes... Não é lícito que nenhum imortal a aprenda, pois assim jurei a Zeus. Porém, se fores até as ninfas Trias que habitam o Monte Parnasso, elas poderão te ensinar a adivinhação com pedras."

Quando apertam as mãos selando seu acordo, os dois encontram Zeus. Depois de Apolo lhe contar a conversa que teve com o meio-irmão, o rei dos deuses declara Hermes o senhor dos animais.

"Somente ordeno que respeites o direito à propriedade e não contes mentiras. No mais, me pareces um deus bem inventivo e eloquente", diz Zeus.

"Então faz de mim teu mensageiro, pai", responde Hermes. "E eu me responsabilizarei pela segurança de toda tua propriedade. Prometo jamais mentir. Só não garanto contar sempre a verdade inteira."

"Isso não se esperaria de ti", diz Zeus, sorrindo. "Mas suas tarefas daqui para a frente incluirão a criação de tratados, a promoção do comércio, a manutenção do direito de todos os viajantes de percorrer qualquer estrada do mundo."

E assim o rei dos deuses o acolhe como o 12º deus olímpico. Dá-lhe um bastão mágico capaz de separar brigas, um chapéu que o protege das chuvas e sandálias aladas, que o fazem voar.

Hermes também cria a escrita dos homens – diante do que ficam tão gratos que passam a dedicar-lhe a língua de todo animal sacrificado. Depois, cria a astronomia, as escalas musicais e a ginástica. Nenhum deus grego será tão próximo dos humanos quanto esse talentoso mensageiro.

ATENA

Uma enxaqueca de Zeus dá à luz essa divindade que equilibra o conhecimento de Apolo com a estratégia para a batalha. Apesar de virgem guerreira, é conhecida também como a deusa da civilização e das artes.

NOME ROMANO
Minerva

DIVINDADE
Deusa da guerra e da sabedoria

↑ Filha preferida de Zeus, que admira sua visão estratégica, a guerreira Atena é a protetora dos heróis mitológicos.

DESDE QUANDO ZEUS engoliu Métis para adquirir sua astúcia e impedir que, além da filha que já carregava na barriga, tivesse um filho homem que o sucedesse, o rei dos deuses continuou a ter casos com deusas e mortais. Mas é quando ele já está casado com Hera, a última deusa com quem copulou e que se tornou sua legítima esposa, que é atingido por uma dor de cabeça crescente.

Certa manhã, quando o deus solar Hélio já fustiga seus cavalos brancos

para fazer emergir do mar sua carruagem de fogo, e a deusa lunar Selene começa a afundar-se na água, sua enxaqueca é insuportável. Tanto que pede ao enteado Hefesto, o filho de Hera gerado por partenogênese, que lhe quebre a cabeça imortal com uma machadada.

Qual não é sua surpresa ao ver que de seu cérebro pula uma figura já adulta, dotada de olhos brilhantes, mente rápida e coração inflexível, vestida para a batalha, urrando um ensurdecedor grito de guerra. Nesse instante, o panteão olímpico inteiro treme, a Terra grita horrivelmente por toda sua extensão, os mares são revoltos por ondas escuras, cujas espumas se espalham pelo mundo.

A filha coloca-se frente a frente com o pai, apontando-lhe sua lança brilhante. Mas basta ela tirar a armadura de seu ombro em sinal de paz para que o mar de repente volte à calmaria. Zeus é então tomado de alegria ao ver confirmada a profecia da avó Gaia: sua cria é uma fêmea, Atena. Seu reino nos céus não será desafiado por um varão. Pelo contrário. Zeus juntará a suas forças o pensamento estratégico de sua filha predileta para governar o Universo.

Não é estranho que, apesar de misógina, a mitologia grega dê tanta importância a uma figura feminina? Sim. Mas Atena não é uma deusa como as outras. Seu nascimento é uma grande confusão de gêneros. Zeus assume uma faceta feminina ao parir a filha de sua cabeça, enquanto Hefesto se faz de parteira com seu machado. Sem a figura da mãe, Atena cresce ligada somente à figura paterna de Zeus e, com atributos da guerra, essencialmente masculina, ela se sente em casa no mundo dos homens, acompanhando heróis nas batalhas.

Se a guerra é inevitável, Atena inspira os homens a provar sua bravura e, ao mesmo tempo, impede que se matem uns aos outros.

Fica claro desde seu nascimento que Atena será a deusa da guerra – não no sentido do amor selvagem pelo sangue derramado nas batalhas, como seu meio-irmão Ares, mas sim da inteligência estratégica, que orienta a só iniciar uma batalha quando for vantagem para o Estado, depois de terem se esgotado todos os outros meios de persuasão. Se a guerra é inevitável, Atena inspira os homens a provar sua bravura e, quando assim a prudência exige, refreia o instinto de Ares, impedindo que guerreiros se matem uns aos outros.

Ninguém poderia ser melhor amigo de um herói. Hércules, Perseu, Aquiles, Diomedes, Odisseu... todos recebem de Atena exatamente o que necessitam no momento certo de suas empreitadas. É ela quem guia a mão de Perseu para arrancar a cabeça da Górgona, inspira os Argonautas a construir sua embarcação, dá a Hércules a castanhola com que espanta as aves antropofágicas do Lago Estínfalo.

Se julgar justo, Atena consegue dobrar os raios de Zeus, prolongar a vida dos homens e conceder-lhes o dom da profecia.

Por outro lado, é implacável com seus inimigos. Uma vez desonrada pelos troianos, ela usa todos os seus poderes para que os gregos vençam a guerra contra seus adversários.

Mas o companheirismo que dedica aos heróis será sempre casto. A deusa Atena mantém sua virgindade a qualquer custo, como se negasse sua feminilidade. Em suas cerimônias de banho, é completamente vetada a presença de homens. Já nasceu vestida, e o único homem a vê-la nua ficará cego (sim, essa é uma segunda versão da história sobre como o velho adivinho Tirésias perde a visão).

Atena, a filha querida de Zeus, será sempre a companheira dos guerreiros, nunca uma amante.

IMAGEM: Getty Images

EDITORA Abril
Fundada em 1950
VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fábio Carvalho

Diretora de Marketing: Andrea Abelleira

SUPER INTERESSANTE

Diretor de Redação: Alexandre Versignassi
Editor: Bruno Garattoni
Editor-assistente: Bruno Vaiano
Repórteres: Guilherme Eler, Maria Clara Rossini e Rafael Battaglia
Editora de Arte: Juliana Krauss
Designers: Anderson C.S. de Faria e Carlos Eduardo Hara
Estagiários: Bruno Carbinatto, Carolina Fioratti (texto), Juliana Briani e Natalia Sayuri (arte)

DOSSIÊ SUPER INTERESSANTE

Editor: Bruno Garattoni
Colaboraram nesta edição: Maurício Horta (textos), Alexandre Carvalho (edição e revisão), Estúdio Nono (projeto gráfico e edição de arte), Tiluria (ilustração da capa), e Anderson C.S. de Faria (produção gráfica)

MITOLOGIA GREGA: OS DEUSES DO OLIMPO
ISBN 978-85-5579-285-4

é um livro da Editora Abril S.A., distribuído em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.
O Dossiê Mitologia grega: os deuses do Olimpo não admite publicidade redacional.

IMPRESSO NA GRÁFICA ABRIL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H821m

Horta, Maurício

Mitologia grega: os deuses do Olimpo. / Maurício Horta – São Paulo: Abril, 2020.

60 p ; il. ; 27 cm.

(Dossiê Superinteressante , ISBN 978-85-5579-285-4 ; ed. 420-A)

1. Mitologia grega. 2. Mitologia grega – Deuses do Olimpo. 3. Grécia antiga – Mitos. I. Título. II. Horta, Maurício. III. Abril Comunicações. IV. Série.

CDD 398.23938